



Fr. José Rodríguez Carballo, ofm

# **Olhos fixos no ponto de partida**

Carta do Ministro geral para a festa de Santa Clara

Fr. José Rodríguez Carballo, ofm

# OLHOS FIXOS NO PONTO DE PARTIDA



Atualidade do carisma  
franciscano-clariano  
há 800 anos  
da Fundação da OSC

Roma 2012



*Capa: Santa Clara (cf. 4In), Óleo de Ivo Batocco*

*Gráfica e diagramação:  
Joseph Magro ofm Escritório de Comunicação - Roma*



# CUMPRIMENTOS

A todas as Irmãs Pobres de Santa Clara e a todos os Irmãos “Saúde e santa Paz no Senhor” (2Ct 1; Er 1)

**1.** Estamos chegando ao Encerramento do VIII Centenário da Conversão\Consagração da Irmã Clara na Porciúncula (1211\12) e o VIII Centenário da Fundação da Ordem das Irmãs Pobres. Nesta circunstância, particularmente para todos que fazemos parte da Família Franciscana, sinto a necessidade de fazer chegar, minhas queridas Irmãs, minha felicitação pessoal e a de todos os Irmãos Menores.

Com esta carta quero assegurar-vos que sempre, mas particularmente durante este Jubileu franciscano-clariano, nos unimos a vós para agradecer ao Senhor que segue protegendo, ainda hoje, o carisma que foi dado a Francisco e à Clara há 800 anos. Ao mesmo tempo desejo expressar minha gratidão por vossa presença, vivida no silêncio, oração e profundo afeto, em nossa vida, como também na vida da Igreja e do mundo. Sois um precioso tesouro para todos nós, pois, desde vossa *vida escondida em Cristo* (Cl 3,3), nos

evangelizais, recordando-nos sempre que somos do Senhor e para o Senhor, e que somente assim podemos ser para os demais<sup>1</sup>. Muito obrigado, Irmãs! Felicidade!

---

1 “*Quanto mais se vive de Cristo, tanto melhor se pode servi-Lo nos outros, chegando aos lugares de vanguarda da missão e assumindo os maiores riscos*” (VC 76).

# I PARA INICIAR

2. Durante este tempo, desde diversas instâncias e principalmente da Igreja<sup>2</sup>, vieram a nós diversas solicitações para que tomássemos a sério o convite de Clara: *conhece tua vocação* (TestC 4) e que não esquecêssemos o ponto de partida, isto é: nossas origens (cf. 2In 11). Estas solicitações ou convites tendem a um objetivo prioritário: aproveitar este tempo de graça, este *kairós*, para aprofundar o conhecimento da Forma de Vida franciscana-clariana, *revisitando* os elementos essenciais deste carisma, que após 800 anos segue profundamente atual, como muito bem afirma Bento XVI: “O tempo que nos separa da aventura destes santos (Francisco e Clara) não diminuíram seu fascínio. Muito pelo contrário...”<sup>3</sup>

---

2 Cfr. Bento XVI, *A mulher que se mirava nos olhos de Francisco*. Mensagem de Bento XVI por ocasião do centenário da conversão de Santa Clara, *L'Osservatore Romano*, 2 de março de 2012; em *Acta Ordinis Fratrum Minorum*, An CXXXI, n.1, 15-17)

3 Idem, em Acta 17

Francisco e Clara, filhos do seu tempo, falam a linguagem dos seus contemporâneos, pensam com as categorias deles, tem a sensibilidade deles e no entanto são profundamente atuais. Francisco e Clara sintonizam com seu tempo porque souberam descobrir suas necessidades mais profundas, as interpretaram como sinais dos tempos, como apelos do Espírito e propuseram uma encarnação do Evangelho que respondeu perfeitamente a essas instâncias. Mas, Francisco e Clara, sem serem estranhos ao seu tempo, são também contemporâneos e atuais.

É óbvio o segredo da atualidade: “*Francisco e Clara foram às vertentes das águas vivas*”<sup>4</sup>. Ouvintes assíduos do Evangelho, o guardaram em seu coração (cf. Lc 2,51) e prontamente obedeceram à palavra (cf. 1Cel 22), transformando-se, deste modo, interior e exteriormente, em ícones vivos do Filho, palavra eterna do Pai (cf. 3In 13), em *exegese viva do Evangelho*<sup>5</sup>. Encontrando-se com a fonte da água viva (cf. Jo 4,10ss) a distância de oito séculos, deles continuam brotando torrentes de água que apagam a sede de plenitude de tantos de nossos contemporâneos e que dão uma resposta a tantas perguntas existenciais do homem e da mulher de hoje.

**3.** A história interpela, também desde sua indiferença, a todos os consagrados a dar razão da sua opção vocacional, porém de modo particular interroga as contemplativas, e, no contexto deste oitavo centenário, de modo muito particular as Irmãs Pobres. Daí nasce a *urgência de revisitar*, com paixão, os valores que constituem a essência do carisma franciscano-clareano, não somente para *olhar com gratidão* um passado em que

---

4 M.Victoria Trivino, *Francisco de Assis e Clara*, PPC, Madrid 2009, 27

5 Bento XVI, VD,83

o Espírito, com a generosa colaboração de tantas Irmãs Pobres e de tantos Irmãos Menores, escreveu uma grande história que nós temos a responsabilidade de transmitir e contar, mas, sobretudo para *viver o presente com paixão, abraçar o futuro com esperança e*, deste modo, seguir construindo uma grande história no futuro<sup>6</sup>.

Celebrar um Jubileu, como este que estamos terminando, é bela ocasião para agradecer ao *Pai das misericórdias* o dom de Clara e o dom das Irmãs Pobres, porém, sobretudo, é tempo propício para degustar *as graças das origens*, para saborear um acontecimento, iniciado há oito séculos, que segue sendo fundamento e princípio do qual surge história e futuro (cf. VC 110; NMI 1).

Somente com tal atitude poderemos levar a termo a obra que começamos bem (cf. Er 14; Ord 10), manter a fidelidade às exigências da Forma de Vida franciscano-clareano (cf. BnC 15), e traçar caminhos a percorrer hoje, de tal modo que sejamos fiéis a Cristo, à Igreja e ao homem de hoje (cf. VC 110). Vós, minhas queridas Irmãs Pobres, formando “um corpo de pedras vivas e polidas” (cf. 2Cel 204) e abertas às surpresas de Deus, sereis um clamor de novidade para nosso tempo, *exemplo e espelho*, umas para as outras e para todos nós (cf. TestC 19).

Neste contexto em que vivemos, todos exigem disponibilidade e docilidade, sempre nova e criativa, à ação do Espírito. Somente Ele pode manter viva a frescura e a autenticidade dos inícios, e, ao mesmo tempo, infundir vigor à criatividade para melhor responder aos *sinais dos tempos*.

#### 4. Com esta carta às Irmãs Pobres, desde

---

6 Cf. NMI,1; Vita Consecrata (=VC=) 110.



a responsabilidade que me vem do próprio Francisco (cf. RSC 6,3-4), e também a todos os Irmãos Menores, desejo voltar aos fundamentos de nossa forma comum de vida<sup>7</sup>, com particular referência a Clara e às suas Irmãs, com a vontade não só de que guardemos a Forma de Vida professada, mas também para que a desenvolvamos e aprofundemos<sup>8</sup>, conscientes de que nestes fundamentos encontraremos o sentido de nosso ser na Igreja para o mundo.

Visto que a Forma de Vida das Irmãs Pobres e dos Irmãos Menores *é a mesma*<sup>9</sup>, e que o mesmo Espírito tirou do mundo os Irmãos Menores e as Irmãs (cf. 2 Cel 204), com esta carta chamo a todos a se colocarem na escuta de Clara, fiel intérprete, em sua vida e em seus Escritos, da Forma de Vida revelada a Francisco pelo próprio Altíssimo (Test 14). Enquanto eu peço às Irmãs que bebam da água cristalina da espiritualidade clariana, peço aos Irmãos que conheçam melhor a Clara, para que a amem ainda mais. Isto nos ajudará a todos a melhor viver a mesma Forma de Vida que professamos. Irmãos e Irmãs, somos as duas caras da mesma moeda. Por isso, ambos temos a responsabilidade de que esta inspiração, *viver segundo a*

---

7 Muito se refletiu sobre tais fundamentos, particularmente nas cartas que todos os anos eu escrevi às Irmãs Pobres por ocasião da festa de Santa Clara, (cf. José Rodrigues Carballo, ofm, *Conhece tua vocação. No diálogo com as Irmãs Clarissas, Roma, 2012.*

8 Cf. PdC, 20

9 Ao lado daquela igrejinha (São Damião), que Francisco restaurou depois de sua conversão, Clara e suas primeiras companheiras fundaram uma comunidade, vivendo de oração e pequenos trabalhos. Chamavam-se de “Irmãs Pobres” e sua “forma de vida” era a mesma dos Irmãos Menores: “Observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo” (RSC 11,12), conservando a união de mútua caridade e observando a pobreza e a humildade vividas por Jesus e sua santíssima Mãe”, Bento XVI, *Audiência Geral*, 10 de agosto de 2011.

*forma do Santo Evangelho*, confiada a Francisco e Clara pelo próprio Espírito, possa seguir tomando forma em nosso tempo.





## II

# NA HISTÓRIA DOS HOMENS E DAS MULHERES DE HOJE

5. Bem consciente estou da *dureza e delicadeza* dos tempos em que vivemos<sup>10</sup>. Diante de mim e certamente também diante de vós, Irmãs e Irmãos, está, de um lado o chamado de Clara a seguir Cristo “*com andar apressado, com passo ligeiro e pé seguro de modo que seus passos nem recolham a poeira, confiante e alegre, avance com cuidado pelo caminho das bem-aventuranças*” (cf. 2In 12-13); um apelo a não perder o ponto de partida (cf. 2In 11). Igualmente estamos conscientes das admoestações que Francisco nos faz para seguir as pegadas de Cristo (cf. Ord 51). E a *perseverar na disciplina e na obediência santa e a cumprir “com propósito generoso e firme o que prometemos”* ao Filho de Deus (cf. Ord 10). Por outro lado está o apelo da mediocridade, da rotina, do derrotismo que nos atormenta e que muitas vezes

---

10 Cf. VC 13

nos põe pesos nos pés (cf. 2In 13) e nos impede de “*avançar pelo caminho dos mandamentos do Senhor (...) e pelo caminho da perfeição que abraçamos*” (cf. 2In 15.17).

Às dificuldades que cada um experimenta no seguimento de Cristo se acrescentam outras que nos chegam do ambiente que nos rodeia. Assim, enquanto o mundo nos pede conta da qualidade evangélica de nossa vida, parece *viver como se Deus não existisse*. Olhando a mentalidade de muitos homens e mulheres de nosso tempo, nos conscientizamos de que aparentam serem muitos os que rejeitam pontos significativos de referência, tão somente preocupados em satisfazer suas necessidades. Do ponto de vista desta lógica, o que é válido aos olhos de Deus nem sempre é segundo o pensamento dos homens. Já o próprio Poverello tinha muito consciência disto quando numa de suas cartas escrevia: “*Sabei que aos olhos de Deus existem algumas coisas grandiosas e sublimes que, por vezes, são consideradas vis e abjetas pelos homens. Outras, caras e notáveis entre os homens, diante de Deus, porém, são vilíssimas e abjetas*” (2Ct 2).

Desde esta ótica *mundana* parece que o Evangelho é um dos pontos dos quais, hoje em dia, se deve tomar distância, se não quiser *complicar a vida*. Principalmente porque, muitas vezes, o Evangelho é considerado e apresentado como um conjunto de normas a observar e que parece querer sufocar a liberdade individual e a autorrealização. Como consequência aumentam os que pensam que cada um é norma de si próprio. O rechaço destes pontos de referência favorece no indivíduo a experiência do campo aberto, onde não se encontra limite nem fundamentos.

Isto faz com que muitos pensem que a proposta evangélica já foi superada, pois não entra nos parâmetros do consumo e das

mudanças contínuas impostas pela sociedade de hoje; e a esfera da espiritualidade, área na qual a pessoa encontra o sentido de sua existência é reduzida a uma dimensão puramente individual.

**6.** Neste contexto nós somos chamados a viver nossa vocação de Irmãs Pobres e de Irmãos Menores, como consagrados. Quanto ao que a vós se refere, minhas queridas Irmãs, mesmo que separadas, não podeis sentir-vos à margem do que vive e respira nosso mundo, pois ninguém - nem mesmo vós que viveis num espaço vital de clausura - pode sentir-se à margem de possíveis influências externas que não facilitam a observância do que nós consagrados professamos, como também não podeis descartar, pois a experiência cotidiana vo-lo diz, que a mentalidade do *como se Deus não existisse* pode determinar nossos ambientes. O mesmo se pode dizer dos Irmãos Menores.

Sem perder de vista o proposto, *tendo sempre diante dos olhos o ponto de partida* (cf. 2In 11) para viver o presente como memorial das origens e numa tensão para o futuro, somos chamados neste momento a *revisitar* as exigências do seguimento de Cristo, segundo a Forma de Vida franciscano-clariana. Neste contexto de *revisitação* de nossa identidade, se torna necessário que Irmãs e Irmãos nos deixemos interrogar e nos perguntemos por quê nossas fraternidades às vezes são consideradas ponto de referência e outras vezes são simplesmente desconhecidas ou ignoradas; por quê algumas delas têm vocações e outras atravessam já longo deserto vocacional. Está na hora de fazer um profundo discernimento para descobrir o que zelosamente guardamos, o que desejamos e o que está sendo revisitado e reconvertido, para que a beleza de nossa Forma de Vida em fraternidade seja forjada pelo Evangelho.

Não é desconhecido que, se de uma parte recebemos muitas aprovações, por outra, tanto vós como nós, com grande dificuldade conseguimos fazer entender nossas opções vocacionais. É urgente perguntarmo-nos: o que busca quem de nós se aproxima, qual é o sentido de nossa vida na Igreja e no mundo? Perguntemo-nos também: que sinais de vida oferecemos para que o homem e a mulher de hoje se sintam ajudados a entrar no mistério do Pai revelado em Jesus? Nossas respostas, também as vossas, devem ser novas; não respostas decoradas, repetidas. Serão tais na medida em que cada um de nós, tanto pessoalmente como em Fraternidade, se colocar em discussão, enquanto buscamos ardentemente o rosto de Deus.

**7.** Sem quebrar nossa aliança com *um passado vivo*, porque deslocar-nos sem raízes gera um caminho sem sabedoria e sem horizonte<sup>11</sup>, é necessário e urgente parar, fazer um alto no caminho, dar-nos tempo para o silêncio, para a reflexão e discernimento pessoal e fraterno para detectar a *terra endurecida* (cf. 1RnB 22,10-26) de nosso coração, também nos mosteiros: ativismo, individualismo, apropriação, fixação, nostalgia, agitação, distração, busca de segurança..., e para valorizar adequadamente aos irmãos e irmãs: a liberdade evangélica, a alegria, o sentido de pertença, a abertura, o *viver sem nada de próprio...*

Durante minhas visitas aos mosteiros OSC e entidades OFM, frequentemente me perguntavam sobre novos instrumentos e métodos para tornar mais atual e atraente nossa vida. Pergunto a mim e a vós: é apenas questão de métodos e de novas estratégias ou é questão de uma *revisitação* dos elementos essenciais de nossa vida e de saber fazer opções radicais?

---

11 Cf. Pedro Juan Olivi, *Principium I in Sacram Scripturam*

Se hoje em dia se constata certa indiferença à Vida Religiosa, talvez seja porque estamos perdendo a capacidade de sermos sinais proféticos. Irmãs, é aniversário da fundação de vossa Ordem, como foi aniversário de nossa Ordem há apenas três anos, se nos pede de viver hoje nossa Forma de Vida e responder aos sinais dos tempos de hoje, permanecendo fiéis ao que o Espírito, através de Francisco e Clara, nos regalou aos Irmãos e às Irmãs, e, por meio deles, à Igreja e ao mundo. Não se trata de uma adaptação oportunista de nossa Forma de Vida ao que está na moda - *casa com a moda e não ficarás solteiro nem viúvo*, diz um adágio oriental - mas de responder às interpelações que nos chegam do mundo, encarnando o Evangelho, a partir do centro da experiência de Deus, na forma de despojamento e liberdade radical - *viver sem nada de próprio*, como professamos, - e em fraternidade universal.







### III

## CULTIVAR AS RAÍZES

8. Não são poucos os que afirmam que a Vida Religiosa está vivendo a estação do inverno. O inverno, à primeira vista, é tempo de morte: desaparece o verde da vegetação, caem as folhas, ausência de flores e a estação dos frutos já passou. O inverno põe à prova a esperança, que é nutrida por espera paciente até que volte a primavera e os campos se vestem de flores que logo se converterão em frutos. Do mesmo modo na Vida Religiosa - também na nossa - o inverno se caracteriza, entre outros sintomas, pela falta de vocações, com todas as consequências: inversão da pirâmide de idade, com muitos anciãos e poucos jovens, fechamento de obras e presenças, diminuição de status que se tinha, crescimento do desânimo, da rotina...

Pode-se ter a tentação de, no inverno, cortar as árvores e plantas, pois não se vê nada mais que o tronco. Porém, a morte que parece caracterizar o inverno não é assim. Debaixo da aparente esterilidade se desenvolve um processo de revitalização. Nesta

estação trabalham assiduamente as raízes, armazenando toda a seiva e linfa necessárias para transmitir vida nova quando a primavera surgir, de modo que no verão se possa colher abundantes frutos. Com seu trabalho silencioso e escondido as raízes possibilitam a vida nova, porque “*se o grão de trigo caído na terra não morre, fica só. Porém, se morre, produz muito fruto*” (Jo 12,24). O inverno é o tempo da radicalidade escondida, do crescimento em profundidade, mesmo que seja sofrido este caminho para uma vida nova.

É a experiência do inverno que me leva a pedir-vos, minhas queridas Irmãs e meus amados Irmãos, que cultivemos as raízes. Talvez mais quiséssemos viver a estação das flores e dos frutos abundantes, porém nos foi reservado viver a estação profundamente fecunda do inverno. Acolhamos esta estação com sadio realismo, porém também com *esperança segura* (cf. OC 2). A tentação de “jogar a toalha”, de não cultivar a vida de fé, de falta de esperança, de renunciar à luta, de cair na mediocridade, ou, talvez até, de abandonar tudo, pode ser tentação de alguns de nós. Porém, ceder a tudo isto seria simplesmente renunciar a transmitir vida, viver o presente com egoísmo, que pouco ou nada teria a ver com o que prometemos na profissão religiosa. Quando nos faltam estas seguranças que cultivamos e acariciamos amorosamente, então é tempo de voltar ao essencial, de viver a espiritualidade do êxodo, de renovar nossa firme vontade de viver *sem nada de próprio*.

Mais além das aparências, o inverno é chamado a ser um *kairós*, uma grande oportunidade para crescer em profundidade e para purificar-nos e voltar ao que realmente é importante. Através do inverno que estamos vivendo, estou convencido que o Senhor nos chama, a vós e a nós, a uma radicalidade. Uma radicalidade que não consiste

em gestos fantásticos, mas num paciente e amoroso cuidado das raízes que, além de tudo, se reduzem à fé radical para a qual *nada é impossível* (Lc 1,37).

Não se trata aqui e agora de simplesmente lutar pela sobrevivência, mas se trata de exercitarmo-nos numa fé radical, *fé segura* (cf. OC 2) e numa esperança contra toda a esperança. A fé radical nos levará a viver em Deus e a viver de Deus. Para isto se torna necessário caminhar a partir de Cristo e voltar ao Evangelho, enquanto Forma de Vida, o protagonismo que lhe corresponde em nossa existência como *regra e vida*. A segunda, a esperança, é a que dá sentido profundo à vida. Hoje corre-se o perigo de diluir-se em cotidianidade angustiante. Porém, sem cair num otimismo ingênuo, não podemos renunciar à esperança que brota e que sustenta uma promessa: *“Eu estou convosco todos os dias”* (Mt 28,20). A fé radical e a esperança são os mananciais dos quais podemos tirar água fresca e abundante para regar as raízes e revitalizar nossa vida, aparentemente árida, de tal modo que o inverno seja fecundo, como o grão enterrado no sulco.

Porém, a imagem do inverno me traz à mente outra: a busca na noite escura. Aqui é propícia a figura de Nicodemos, protótipo de todo verdadeiro “buscador na noite escura”. É o tempo favorável de nos colocar em atitude de busca, sob a ação do Espírito Santo. Neste contexto é oportuno *recordar* que somos *mendicantes de sentido e que a itinerância*, enquanto sinônimo de busca constante do que agrada ao Senhor, faz parte de nossa identidade de Irmãos Menores e Irmãs Pobres.

**9.** A Igreja nos convida a *“reproduzir com coragem a autenticidade, a criatividade e a santidade”* de quem recebeu a Forma de Vida

que hoje professamos, e, deste modo, dar uma resposta *“aos sinais dos tempos que gritam no mundo de hoje”*<sup>12</sup>. Anos se pede que interroguemos a Francisco e Clara para melhor compreender como eles buscaram e testemunharam o Senhor, em seu tempo. A fidelidade aos Fundadores passa pelo esforço por entender os parâmetros deles, que alternativas encontraram em seu tempo para serem fiéis a Cristo e à Palavra, que critérios de testemunho escolheram para testemunhar o Evangelho, quais foram os pontos centrais sobre os quais fundamentaram o seguimento, e como mantiveram acesa a paixão pelo Reino, mesmo diante das dificuldades surgidas.

Nosso carisma não se mantém vivo simplesmente por reproduzir o passado, mas buscando nas raízes as razões últimas que permitiram a Francisco e Clara viver uma Forma de Vida que ainda hoje permanece como sinal inteligível para os homens e mulheres de nosso tempo, graças à experiência dos que continuam a dizer sim às exigências do Espírito e a *“colocar os olhos no futuro, na direção indicada pelo Espírito a fim de que assim possa fazer grandes coisas”*<sup>13</sup>. De outro lado, não se pode esquecer que este olhar para as origens e para o futuro deve ir de mãos dadas, confrontando nossa vida e a cultura atual. Sem esta confrontação corremos o risco de cair na tentação de fazer escavações arqueológicas ou simplesmente fugir para frente.

**10.** Apresentados os elementos essenciais da Forma de Vida franciscano-clareano, tocará agora refletir com lucidez, audácia e vigor, sobre as estruturas que estão contidas nestes elementos. Não se trata de eliminar as estruturas, mas de identificar quais de-

---

12 VC 37.

13 VC 110.

vem permanecer, quais devem ser ressignificadas, quais devem ser eliminadas e quais devem ser inventadas que sejam realmente odres capazes de manter vivo o carisma (cf. Mt 2,23; Lc 5,380). Certamente trata-se de estruturas mais radicais que não estraguem o vinho envelhecido de nossa Forma de Vida mas que, por sua essencialidade, sobriedade e pobreza, indiquem o absoluto de Deus e, através da vida fraterna, sejam lugar teológico, litúrgico (particularmente no caso das Irmãs), profundamente humano e ao mesmo tempo evangélico.

Queridas Irmãs e Irmãos, sede lúcidos em vosso discernimento, audazes em vossas decisões, voai ao alto, sem compromissos ambíguos com aquilo que o mundo hoje vos oferece! Tende consciência do amor que Deus teve ao chamar-nos a seguir esta Forma de Vida! Isto já nos bastaria para viver *sem nada de próprio*, a sermos evangelicamente livres, criativos e fiéis ao mesmo tempo<sup>14</sup>. Liberemo-nos de tudo que obscureça nossa Forma de Vida para viver a cada momento o Evangelho que prometemos observar! Orientemos nossa energia na busca constante do Senhor e de sua santa vontade! (cf. OC). Acima de tudo, vós, minhas queridas Irmãs, cuidai, com particular solicitude, a vida espiritual, comprometendo-vos a testemunhar que é possível viver sempre na presença do Senhor e desta forma servir à humanidade.

---

14 Cf. CdC 22.



## IV

# ELEMENTOS ESSENCIAIS DE NOSSA FORMA DE VIDA

**11.** Já indicamos: nos momentos de crise o inverno nos oferece a ocasião para refletir, situar-nos e voltar ao essencial. Para isto é necessário a *ontoterapia*: o tratamento do ser, o tratamento de nossa identidade. Em momentos de crise ou de inverno temos que imitar o administrador sagaz: sentar-nos, analisar o problema e tomar uma solução rápida (cf. Lc 16,1ss). Não é muito o tempo que temos à nossa disposição.

Nos últimos anos, tanto os Irmãos como as Irmãs, dedicamos muito tempo à reflexão sobre as exigências básicas de nossa Forma de Vida. Fruto de tudo isto é que os elementos essenciais desta Forma de Vida parecem bastante claros. Tudo o que segue nesta carta sirva para recordá-los e recordar a urgência de tomar decisões coerentes. É o momento de passar da ortodoxia à ortopraxis, de uma identidade doutrinalmente clara a uma identidade vivida e, como tal, significativa para nossos contemporâneos.



# *Viver o Evangelho*

**12.** Francisco e Clara tiveram como ponto de referência existencial o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Suas opções de vida, assim como a Forma de Vida que iniciou com Francisco e continuou com Clara, consistem simplesmente em “*observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo*”(RSC 1,2; cf. RB 1,1)

A aventura franciscana toda tem sua origem na *revelação* feita pelo Altíssimo a Francisco (cf. Test 14), e um dos elementos centrais dessa revelação que chega a Francisco através de Jesus Cristo, a Palavra encarnada, é a escuta dos textos nos quais o Mestre traça a regra de conduta para seus discípulos (cf. Lc 10, 8-9; Mt 10, 7-13). Diante de tal revelação Francisco estremeceu de júbilo e exclamou entusiasmado: “*É isto que eu quero, é isto que eu busco, é isto que eu desejo, do mais profundo de meu coração, colocar em prática*’ (1Cel 22) Admirável dia em que Francisco descobre o Evangelho! Será este Evangelho que mudará o coração e a vida do Poverello. Daqui em diante o Evangelho constituirá sua única sabedoria: “*Sabei que nunca me guiarei por outra ciência a não ser esta, a do Evangelho*” (LP 114). Na origem da vocação de Clara está a mesma *revelação* feita ao bem-aventurado S. Francisco, “*verdadeiro amante e imitador*” de Cristo (cf. TestC 5) Quanto a isto é importante o que Clara escreve em seu Testamento: “*O Filho de Deus se fez caminho para nós e este caminho no-lo ensinou e mostrou, com a palavra e o exemplo, nosso pai São Francisco*” (TestC 5). Não é por nada que Clara o chama “*coluna e única consolação depois de Deus*” (TestC 38), “*fundador,*

*plantador e auxílio*” (TestC 48). Esta mesma *revelação* a fazemos como nossa na profissão religiosa. Irmãs Pobres e Irmãos Menores, professamos viver o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Talvez seja este elemento a melhor característica de nossa comum Forma de Vida.

**13.** Talvez seja oportuno recordar aqui que o Evangelho, tanto para Clara como para Francisco, não é simplesmente um livro, mas uma pessoa, a pessoa de Jesus Cristo (cf. 2Cel 15). Neste sentido a experiência de Francisco e de Clara estão em perfeita sintonia com o que séculos mais tarde afirmará o Vaticano II: Jesus Cristo, a Palavra feita carne, “*é ao mesmo tempo mediador e plenitude de toda a revelação*”<sup>15</sup>. Deus fala “*de muitas e variadas formas*”, na criação, através dos profetas e sábios, através das Sagradas Escrituras, porém, falou de maneira definitiva por meio de Jesus Cristo (cf. Hb 1,1ss). Tanto para Francisco como para Clara, o Evangelho remete diretamente a Cristo. Daí que ao assumir o Evangelho como *regra e vida*, são conduzidos a uma adesão pessoal ao Senhor e a uma identificação em tudo com ele. Do Poverello se falou que “depois de Jesus Cristo foi o único cristão” (Renan), “a cópia e a imagem mais perfeita que jamais houve de Jesus Cristo nosso Senhor” (Bento XVI), “um novo exemplar de Jesus Cristo” (Pio XI). “Em todos os feitos de sua vida foi conforme a Jesus bendito” (Fioretti, 1); e é que “sempre trazia Jesus no coração, Jesus na boca, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus nos demais membros” (1Cel 115). Outro tanto se poderia ter dito de Clara: *mulher cristã, entregue totalmente ao esposo* (cf. 1In 7), anelando ardentemente seguir ao Crucificado e transformar-se totalmente nele (cf. 3In 13). Tanta era a sedução

---

15 DV 2.

que experimentou do amor do Senhor Jesus (1In 9)! Uma escuta *sem glosa* do Evangelho, conformidade e seguimento das pegadas de Jesus Cristo é o que permitirá a Francisco e Clara mergulhar plenamente no mistério de Deus.

Tanto na primeira Regra (cf. Pról e 1,1), como na segunda (cf. 1,1), a Forma de vida que Francisco apresenta à aprovação da Igreja é o Evangelho. Este, por sua vez, leva a uma configuração total com Cristo: obediente, pobre e casto, O mesmo acontece com Clara (cf. RSC 1,1-2), que em seu testamento, como já dissemos, afirma: “O Filho de Deus se fez caminho para nós...” (TestC 5). Professar, “*observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo*” é, pois, para as Irmãs e para os Irmãos, muito mais que cumprir o que pedem alguns textos do Evangelho. Professar o Evangelho é simplesmente ser “*exegese vivente da Palavra de Deus*”<sup>16</sup>, reproduzir em nós a vida de Jesus, conformar-se totalmente a Cristo. Este foi o objetivo último da vida de Francisco e Clara. Este há de ser também, meus Irmãos e minhas Irmãs, o objetivo primeiro e último de nosso seguimento de Cristo<sup>17</sup>.

**14.** Qualquer que seja a renovação profunda da vida franciscano-clariana, passa necessariamente pelo retorno ao Evangelho como *regra e vida*, para escutá-lo e prestar-lhe “*a obediência da fé*” (Rm 1,5). A Vida Religiosa e também a vida franciscano-clariana necessitam de um presente rico de paixão por Cristo e pela humanidade. Para tal é necessário acender um fogo novo e injetar

---

16 Cf. VD 83.

17 A este respeito quero sublinhar o que nos recorda Bento XVI: A fé cristã não é uma religião do Livro, por mais importante que seja a Escritura para nós, senão do Verbo encarnado e vivo, VD 7, cf. CTI, *A teologia hoje: perspectivas, princípios e critérios*, 7.

nova linfa na árvore secular de nosso carisma. Este novo fogo e esta nova linfa só chegarão se voltarmos ao Evangelho, núcleo fundante e fundamental do carisma de Francisco e de Clara.

Contemplando estes dois enamorados de Cristo, Francisco e Clara, o que mais urge é colocar em todo momento e em toda circunstância o Evangelho, em suas exigências mais radicais, como fundamento da vida cotidiana, critério primeiro e último do próprio agir, ou, o que é igual: colocar Cristo no centro da própria vida e missão (cf. Fl 3,8ss).

Amadas no Senhor, o grande desafio para vós e para nós, é recomeçar a partir do Evangelho e deixar-se habitar por ele, se quisermos fazer deste tempo um verdadeiro *kairós* e fazer com que nossa Forma de vida seja significativa para os homens e mulheres de hoje, pois somente assim poderemos garantir o futuro para o qual nos empurra o Espírito e assim possa continuar fazendo conosco grandes coisas<sup>18</sup>.

---

18 Cf. VC 110.

## *“Meu Deus e meu tudo”<sup>19</sup>!*

**15.** O Senhor foi tudo para Francisco (cf. LD). O Poverello segue a nos implorar para que nos entreguemos totalmente Àquele que por inteiro se entregou por nós (cf. Ord 29). Há um texto que merece ser recordado. Na primeira Regra Francisco escreve: *“Ame-mos todos com diligência o Senhor Deus. Ame-mo-Lo de todo o coração, de toda a alma, de toda a mente, com todo o vigor e fortaleza, com todo o intelecto, com todas as forças, com todo o esforço, todo o afeto, todas as vísceras, todo os desejos e vontades. Amemos a Ele que nos deu e nos dá, a nós todos, todo o corpo, toda a alma e toda a vida; que nos criou, redimiou e somente por sua misericórdia nos salvará”* e continua Francisco: *nada desejemos, nada queiramos, nenhuma outra coisa nos agrade e nos deleite, a não ser o nosso Criador e Redentor e Salvador, único verdadeiro Deus; Ele é o bem pleno, todo o bem, o bem inteiro, o verdadeiro e sumo bem. Só Ele é o bom, o piedoso, o manso, o suave e o doce. Só Ele é o santo, o justo, o verdadeiro, o santo e o reto. (...) Nada, pois, nos impeça e nos separe, nada se nos interponha. Creiamos todos nós, em toda a parte e em todo o lugar, a toda a hora, em todo o tempo, diária e continuamente. Creiamos veraz e humildemente. E retenhamos no coração e amemos, honremos, adoremos, sirvamos, louvemos e bendigamos; glorifiquemos e superexaltemos, magnifiquemos e rendamos graças ao Altíssimo e sumo Deus eterno. (...) (RnB 23,8ss). Nada, nenhuma coisa comparável a Francisco: verdadeiro amante e imitador de Cristo, “feito*

---

19 Fi 2: “Deus meu, Deus meu”. Segundo o texto latino a oração teria sido: “Deus meu e tudo = Meu Deus e meu tudo. Desta fórmula de fé estritamente monoteísta de Francisco encontraremos um eco no “só Deus me basta” de Santa Teresa de Jesus.

*todo ele já não homem orante mas homem feito oração.*" (2Cel. 95) O amante que se identifica com o Amado. Com razão se diz : *Para Francisco Deus tem um nome: Amor*"<sup>20</sup>, e que Francisco fundou uma Ordem mística<sup>21</sup>.

Outro tanto se pode dizer de Clara. Esta mulher de mente, alma e coração contemplativos chama a entregar-se, sem reserva alguma, ao amor eterno ao "*mais belo dos filhos dos homens*" (2In 20), evitando deixar-se envolver pelas trevas da mediocridade, nem pela amargura ou tristeza.

Clara, seguindo também nisto ao bem-aventurado Francisco, como ela gosta de chamá-lo, é uma mulher totalmente centrada em Jesus Cristo, uma esposa profundamente enamorada do Esposo, uma alma autenticamente contemplativa. "*Os grandes olhos de Cristo (o crucifixo de S. Damião) que haviam fascinado Francisco, se convertem no espelho de Clara*"<sup>22</sup>. Clara aprendeu na escola de Francisco que Deus é a verdadeira beleza (cf. 4In 10) . Então seu coração se deixou iluminar por este esplendor<sup>23</sup>, que jamais apagará "*o espírito da santa oração e devoção*" (cf. RSC 7,2), e que se deixa transformar, *toda inteira*, pela contemplação (cf. 3In 13), vivendo num contínuo estado de conversão, na busca constante de Deus, em permanente atitude de obediência na fé. Nesta escuta de Deus ela é plasmada na Palavra que a interpela.

Francisco e Clara: dois corações profundamente enamorados do Senhor que se encontram e se reconhecem como almas gêmeas no Amado. Suas vidas são amor como resposta ao Amor (cf. LM IX,1).

---

20 B.Duclos, *Francisco, imagem de Jesus Cristo, em Concilium*, 17 (1981) n.169.

21 São Boaventura, *Col. In Hexaemeron*, XXII, 22

22 Bento XVI, *MMOF*, 16.

23 Cf. *Idem* 16.

**16.** A contemplação de Francisco e Clara arranca de um olhar cheio de estupor sobre o mistério da encarnação, paixão e morte do Senhor. Todos sabemos como Francisco gostava de celebrar o Natal, mais que qualquer outra festa (cf. 2Cel 199), e o que mais o assombrava - e aqui há um grande paralelismo com Clara - era a humildade do Deus feito homem (cf. 1Cel 84). No Natal *nasce “o próprio verdadeiro Deus e verdadeiro homem da gloriosa sempre Virgem beatíssima santa Maria”* (RnB 23,3), e a Palavra do Pai (...) *recebeu a verdadeira carne de nossa frágil humanidade*. A contemplação deste mistério de amor e de humildade leva Francisco a tornar-se *“criança com a Criança”* (2Cel 35). Para Francisco o mistério da encarnação se prolonga constantemente na Eucaristia onde *“cada dia o Filho de Deus se humilha, como quando do trono real desceu e habitou o seio da Virgem; cada dia vem a nós em aparência humilde”* (Ad 1,16ss). Para o Poverello, a contemplação do nascimento vai unida sempre à contemplação da paixão de Jesus, que ele mesmo quis representar em sua própria morte (cf. 2 Cel 104ss). O nascimento e a paixão do Senhor ocupavam constantemente a mente de Francisco: *“A humanidade da encarnação e a caridade de sua paixão se impõem sobre sua alma com tal força que não podia pensar em outra coisa”* (1Cel 84).

Por sua parte, nas cartas a Inês, a *Plantinha* de Francisco nos mostra como a contemplação parte sempre de uma mirada, também em seu caso, atenta, cheia de estupor e de gratidão, ao mistério da encarnação. *Aquele “ao qual não podiam conter os céus, se abaixou até fazer morada no pequeno claustro do ventre sagrado de uma jovem de Nazaré”* (cf. 3In 18-19). O “Senhor dos Senhores”, *“tão digno, tão santo e glorioso”*, ao receber *“a carne verdadeira de nossa humanidade e fragilidade”* (2In 4), *“quis aparecer no mundo como um homem*

*desprezado, indigente e pobre” (1In 19), e “sendo sobremaneira rico quis escolher a pobreza neste mundo, junto com a bem-aventurada Virgem sua Mãe!” (2Fi 5)*

Cheia de admiração diante de tal aniquilamento do Filho de Deus, Clara não pode deixar de exclamar: *“Ó admirável humildade, ó assombrosa pobreza! O Rei dos anjos, o Senhor do céu e da terra (cf. Mt 11,25) é colocado numa manjedoura” (4 In 21).*

A mirada de Clara ao mistério da encarnação é uma mirada da esposa ao Esposo, é um olhar de coração limpo, de um coração profundamente enamorado que contempla a encarnação do Verbo à luz do amor sem limites de Deus pela humanidade. É o olhar atento e permanente - *diariamente..., constantemente” (4In 15) -*, que leva a descobrir a beleza de Jesus Cristo, *“o Esposo da mais nobre linhagem” (1In 7) com “o aspecto mais belo” (1In 9), “cuja beleza é admirada, sem cessar, por todos os bem-aventurados exércitos celestiais” e “cuja visão gloriosa fará felizes a todos os cidadãos da Jerusalém celestial” (4In 10.13).*

Porém, se a pobreza e humildade de Belém acendem a admiração e a maravilha interior de Clara e conquistam seu coração para Deus, será o Calvário o lugar privilegiado do amor sponsal da Virgem Clara. É na paixão e morte que se manifesta o amor de Deus pela humanidade até as últimas consequências, sua *“inefável caridade” (4In 23).* Diante do escândalo da cruz, o olhar de Clara se torna penetrante, apaixonado e cheio de compaixão: *“Abrace o Cristo pobre como virgem pobre. Veja como por você se fez desprezível e o siga, sendo desprezível por ele neste mundo. Com o desejo de imitá-lo, mui nobre rainha, olhe, considere, contemple o seu esposo, o mais belo entre os filhos dos homens feito para sua salvação o mais vil de todos, desprezado, ferido e tão flagelado em todo o corpo, morrendo no*



*meio das angústias próprias da cruz*” (2In 18-20). A contemplação constante do escândalo da paixão e da cruz faz de Clara *uma amante apaixonada de Cristo crucificado e pobre*, como acertadamente a chamou João Paulo II.

Encarnação, paixão e morte de Jesus são os pilares da contemplação de Francisco e Clara: *“pobre foi colocado numa manjedoura, pobre viveu neste mundo e desnudado permaneceu no patíbulo”* (TestC 45). Uma contemplação que em Francisco e Clara abarca os seguintes aspectos: é amorosa - “ciência e arte de amar” assim F. Osuna definiria a contemplação - vai estreitamente unida à pobreza, ou, melhor ainda, ao viver *sem nada de próprio* e que, enquanto tal, permite deixar de considerar-se ele próprio o centro, abandonar o espírito de posse e de domínio e adotar uma atitude de desprendimento, de tal modo que apareça a plenitude de Deus (cf. Ord 29); inseparável da admiração e do louvor que falam do “excesso” de amor do qual se viu inundado o contemplativo. Finalmente, a contemplação deriva da fraternidade, e por sua vez, encontra nela o meio mais adequado para fomentá-la. Basta recordar que em nenhuma parte brilha tão claramente a presença de Deus como no rosto do irmão\ã, e que o amor fraterno é a expressão e o critério por excelência do amor de Deus, do que vive a contemplação. Talvez tenha sido tal aspecto que fez com que a contemplação franciscana se distinga de outras formas contemplativas, pelo fato de haver sublinhado, mais que contemplativos isolados, fraternidades contemplativas.

**17.** Envolvidos pelo silêncio e imersos na solidão habitada pelo Espírito, Francisco e Clara assumem o olhar contemplativo da história e da realidade, um olhar sacramental, que os leva a passar de um Ver segundo a carne, a um Ver e Crer (cf. Ad 1,19-21), e

deste modo a acolher na história e na realidade o mistério de Deus presente e operante. Por outra parte, unindo a solidão com a comunhão, Francisco e Clara aprendem de Deus a viver com liberdade: tudo em suas vidas está ordenado a guardar as relações. Homem e Mulher de profunda interioridade, suas raízes estão bem firmes no amor de Jesus Cristo.

A contemplação assim entendida, para Francisco e Clara é essencialmente vida de união com Deus até transformar-se totalmente em ícone de sua divindade (cf. 3In 13); é *conhecimento* de Cristo, entrega total a ele e firme vontade de segui-lo em todo momento; é abertura ao mistério de Deus que nos envolve para deixar-nos possuir por Ele. Neste sentido a contemplação consiste em esvaziar-se totalmente de todo supérfluo para que Ele, que é tudo, encha o coração a ponto de transbordar.

### *Os Irmãos e as Irmãs, homens e mulheres, enamorados de Cristo*

**18.** Para um Irmão Menor e para uma Irmã Pobre o Deus revelado em Jesus há de ocupar o centro de toda sua existência. Deus e sua busca se convertem em tema, missão e motor de sua vida. O objetivo de suas vidas, como a vida de todo contemplativo, é o “*quaerere Deum, buscar a Deus*”<sup>24</sup>. Os Irmãos e as Irmãs somos chamados a ser “*monótopos*”, pessoas que tendem a uma só coisa: Deus. Os contemplativos são pessoas cuja consciência de Deus impregna sua vida inteira. Sua consciência da presença de Deus os magnetiza e os orienta para além de qualquer outra coisa. Os contemplativos

---

24 Bento XVI, *Encontro com o mundo da cultura*. Colégio dos Bernardinos, Paris, 12 de setembro de 2008.

estão conscientes de que Deus os cria, sustentem e os interpela, de que vivem imersos em Deus. Esta consciência será o filtro através do qual pensam, agem e rezam. O contemplativo sabe, porque o experimenta em cada momento, o que significa viver no seio de Deus.

Entrar nesta contemplação da presença de Deus, ser contemplativos, exige disciplina, exige estruturar a própria vida de tal forma que diariamente, constantemente se proporcione alimentação adequada da dimensão contemplativa. Um destes alimentos indispensáveis é a leitura orante da Palavra, “elemento fundamental da vida espiritual” que, mais do que o estudo, requer “a intimidade com Cristo e a oração”<sup>25</sup>.

Nossa vocação mais radical é a de “*saborear a doçura escondida* que o próprio Deus revelou para os que o amam.” (3In14). Por isso Francisco insiste em afirmar que em nossas vidas nada pode se antepor ao Senhor: tudo na vida dos Irmãos e das Irmãs há de servir ao *espírito de oração e devoção* (cf. RB 5,2). Chamados a ter mente, alma e coração voltados para o Senhor (cf. RnB 22, 3In 12-13), os Irmãos e as Irmãs são chamados a encontrar na contemplação, enquanto união com Deus e opção radical por Jesus Cristo, nossa razão última de ser e nossa verdadeira missão.

Com tudo isto fica descartado da vida de um Irmão e de uma Irmã, que se consideram verdadeiramente contemplativos, todo ativismo que apague o espírito de oração e devoção, porém, fica igualmente descartada toda mediocridade, rotina e cansaço. Ser contemplativo é tomar o Evangelho em suas exigências mais radicais, sem nada minimizar, sem justificar acomodações a um estilo cômodo de vida. A contemplação, para os

---

25 VD 86.

seguidores de Francisco e de Clara, é fazer uma opção exclusiva pelo Senhor, entregar-lhe a vida até poder dizer com S. Paulo: *“Vivo, mas já não vivo eu, é Cristo que vive em mim* (Gl 2,20). A contemplação é para o Irmão Menor e para uma Irmã Pobre, poder dizer com Francisco: *“Deus meu e todas as minhas coisas”*, e com Clara: só o esposo basta, pois se trata daquele cujo *“poder é mais forte, sua generosidade mais alta, seu aspecto mais formoso, seu amor mais suave e todo seu porte mais elegante”* (1In 9). A contemplação franciscano-clariano sempre tem a ver com o horizonte do seguimento de Cristo. O seguimento de um Irmão Menor ou de uma Irmã Pobre é um seguimento contemplativo. Por isso jamais se pode separar a contemplação da qualidade evangélica de vida, conforme o propósito de vida que abraçamos na profissão (cf. 2In 11), nem da vontade firme de *“progredir sempre, de virtude em virtude”* (cf. 1In 32), e de recorrer sem quedas na vereda da bem-aventurança (cf. 2In 12-13). Por outra parte, a contemplação franciscano-clariano nunca é uma contemplação abstrata, hoje tão influenciada pelas filosofias orientais, nem tampouco é uma contemplação que aniquila o eu, mas uma contemplação de um Tu que se apresenta como plenitude do eu, num encontro cordial do eu com o Tu, ou, para usar uma expressão de Clara, *contemplação é um abraço de grande ternura* (cf. 4In 32).

Tudo isto é impossível sem uma profunda experiência de fé que plasme toda a existência humana: os pensamentos e os afetos, a mentalidade e o comportamento<sup>26</sup>. A fé é a porta, a meta e o fundamento da vida contemplativa. A fé vai muito além da ortodoxia, da devoção religiosa ou da piedade. A fé é o abandono nas mãos de Deus, confiança

---

26 Cf. Bento XVI, Motu Próprio, *Porta fidei*, Roma 2011,6.

na Obscuridade que é Luz. O crente confia no hoje e aceita o amanhã porque sabe que Deus está com ele. A fé vive no mistério que é Deus e prospera na vida. Uma vida contemplativa não é possível sem um encontro pessoal com a pessoa de Jesus. Somente a partir da fé que brota e subsiste com o encontro pessoal com Jesus Cristo alguém pode acolher, em qualquer circunstância, no fragmento a unidade, no passageiro o eterno, no humano o divino. Somente a fé possibilita a passagem do ver segundo a carne ao ver crente e segundo os olhos de Deus. Convidando-nos a atravessar a porta da fé, Bento XVI afirma: *“Não podemos aceitar que o sal se torne insípido e que a luz permaneça escondida”*<sup>27</sup>. O ano da fé convocado por Bento XVI poderia ser uma ótima ocasião para *“redescobrir a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo em comunicar fé.”*<sup>28</sup>

Porém, neste caminho nem os Irmãos e nem as Irmãs podem esquecer nunca de que paixão por Cristo é uma paixão pela humanidade. Por isso sua contemplação não deve ser desligada da vida da pessoa humana e dos povos, e tudo que lhes diz respeito. Esta realidade há de fazer-se presente em todo o momento da vida e na oração dos contemplativos. Clara já recordava isto às suas Irmãs de S. Damião: *“Filhas muito amadas, todos os dias recebemos muitos bens desta cidade. Seria grande impiedade se no momento da necessidade não lhe viéssemos em socorro conforme nossas possibilidades”* (LSC 15). Um Irmão Menor e uma Irmã Pobre haverão de sentir-se em comunhão com todos, apresentar todos diante do Senhor, com suas alegrias e tristezas, com suas esperanças e suas frustrações. Levarão todos em seus corações e a todos acolherão em suas almas contemplativas.

---

27 Pf 3.

28 Idem 7.

Isto será possível se os Irmãos e as Irmãs cultivarmos uma espiritualidade dinâmica, que nos torne filhos do céu e filhos da terra ao mesmo tempo; uma espiritualidade integral que nos leve a viver em plenitude o amor a Deus e o amor aos outros; uma espiritualidade em tensão, que nos possibilite ser místicos e profetas ao mesmo tempo. Nossa Forma de Vida assim o exige, nossos contemporâneos esperam isto de nós.

### *Método clariano de contemplação*

**19.** Porém, que passos dar para conseguir uma verdadeira contemplação? Fixemo-nos em Clara. *A mulher nova* não é só uma mulher contemplativa, mas é também mestra de contemplação e como tal nos oferece um método seguro a seguir. Tal método pode ser sintetizado em três verbos que aparecem na segunda e quarta carta de Clara a Inês: olhar (observar), considerar e contemplar.

*Olhar, observar atentamente: “Olhe dentro desse espelho todos os dias... Preste atenção no princípio do espelho: a pobreza daquele que, envolto em panos é posto no presépio!”* (4In 15ss). Olhar implica colocar em jogo todos os sentimentos até revestir-se de Cristo (cf. Gl 3,27; Ef 4,24), até alcançar os mesmos sentimentos (cf. Fl 2,5). Não se trata de uma experiência romântica diante do presépio, mas de uma experiência real de pobreza. O olhar contemplativo ao que Clara convida inclui uma opção decidida pela pobreza, seguindo o mesmo caminho trilhado pelo Filho de Deus (cf. TestC 5). Nada de olhar a si mesmo, mas se trata de sair de si mesmo e contemplar a pobreza dAquele que se fez “desprezado por ti”. Para Clara já não resta outro caminho, para quem olha a pobreza de Cristo, senão fazer-se pobre: “veja como por você ele se fez desprezível e siga-o, sendo desprezível por ele neste mundo” (2In 19).

*Considerar.* Para Clara o considerar abarca a mente e conduz a perceber a humildade como um contraste que escandaliza e fascina: O Rei dos anjos envolto em panos e reclinado num presépio (cf. 2In 19-20). Para Clara, como para Francisco, pobreza e humildade estão estreitamente unidos (cf. SV 2). A pobreza manifesta a condição dos pobres de bens materiais, a humildade expressa o mais profundo da pobreza: o aniquilamento, a humilhação, o desprezo. Se a pobreza é a negação da riqueza, a humildade é a negação do poder. A humildade é a condição *kenótica* do seguimento. Para Clara *considerar* significa seguir a Cristo em sua humildade e em seu aniquilamento.

*Contemplar.* O contemplar implica principalmente o coração que, para Clara, é o lugar de aliança com o Esposo. Neste sentido a contemplação expressa a entrega total e radical, a comunhão que permite saborear a Deus. Então se torna necessário possuir um coração totalmente voltado para o Senhor. Isto permitirá ter um coração puro (cf. RSC 10,10), ver com olhos de Deus. Contemplar, como já o dissemos, é simplesmente seguir a Cristo na radicalidade proposta pelo Evangelho.

O *olha-considera-contempla* são dimensões de um mesmo processo que vai muito além de uma mera consideração intelectual e que leva a uma experiência que abarca a pessoa toda em todas as suas dimensões: espiritual, intelectual, afetiva e sensível, desembocando numa opção de vida conforme ao contemplado. Deste modo a contemplação clariana é como o amor autêntico: envolvente (cf. 3In 12-13)), que leva ao seguimento e à identificação plena com a pessoa amada, à transformação do amante em Amado.

**20.** Para chegar a tal identificação ou a tal grau de contemplação se torna necessário

o silêncio. Isto pensa Clara quando escreve em sua regra (cf. RSC 5), e assim o pensa a Igreja e as próprias Constituições das Irmãs Pobres: *“a busca da intimidade com Deus exige a necessidade vital de um silêncio de todo o ser”*<sup>29</sup>. A Irmã Pobre que deseja permanecer na intimidade com o Esposo e transformar-se nele há de afastar de sua alma *“todo ruído”* (LSC 36). Somente para as Irmãs é necessário o silêncio? Claro que não. O silêncio, enquanto antecede à palavra de Deus e à Palavra sobre Deus, é também necessário para os Irmãos (cf. RE 3). Francisco, com seu amor pelos lugares retirados, nos ensinou o valor do silêncio. Claro que o silêncio nos dá medo porque é no vazio onde o eu se encontra com Deus, e, ao mesmo tempo, nos mostra o que ainda nos falta para ser o que devemos ser.

Não esqueçamos que uma coisa é calar e outra muito distinta é o silêncio habitado. Este não é mutismo, mas é um estar aí, com uma presença vivificada e criativa. O silêncio do qual estamos falando é presença do eu no Tu, um atento e íntimo chegar do Senhor na própria vida. Enquanto o calar-se tem um caráter ascético, o silêncio deve ser entendido a partir de uma perspectiva mística: estar com Deus, consigo mesmo e com os demais. Então nasce o silêncio na palavra, no trabalho, no encontro. E a forma de falar é a *“discretio”* (cf. RSC 5,8) e a *“devotio”* (cf. RSC 7,2). Tudo remete ao amor recíproco e à paz interior. O silêncio de que nos falam Francisco e Clara é feito de solidão e de escuta, de relação harmônica entre silêncio e palavra.

O mais importante para uma vida verdadeiramente contemplativa é oração pessoal e fraterna (cf. RSC 3), a escuta orante da Palavra e uma vida litúrgica intensa. Somente

---

29 *Evangelica Testificatio* 46; CCGG OSC 81.



assim o contemplativo se abrirá ao que realmente é. A oração é a chave que abre ao Silêncio que é Tudo.

### *A clausura a serviço da contemplação*

**21.** Quero agora referir-me ao tema da clausura das Irmãs, elemento que define o específico da vida clariana dentro do carisma franciscano. Irmãos e Irmãs, partilhemos toda a riqueza do carisma: pobreza, fraternidade, catolicidade, missionariedade... No entanto, talvez à Irmã Pobre se exige algo mais, através da clausura: um estar fiel e constante nos mananciais do mistério, através de uma vida orientada exclusivamente à contemplação. É verdade que tanto os Irmãos como as Irmãs estamos chamados a manter uma união forte indissolúvel com a raiz de nossa vida consagrada que é Jesus, contemplado em seu mistério de amor e de dor, porém, se esta é a meta comum que deve orientar nossas vidas, diferentes são os meios. Enquanto vós, Irmãs, fostes chamadas a manter *prevalentemente* fixo o olhar diretamente no Espelho, nós fomos chamados também a testemunhá-lo e a anunciá-lo no mundo. Sublinhei a palavra “prevalentemente”, pois seria infidelidade de vossa parte se perdêsseis de vista a humanidade pela qual vos encontrais no claustro dando a vida; como seria infidelidade de nossa parte se perdêssemos de vista a Jesus, ao qual nos entregamos na profissão e que é o único que sustenta nosso trabalho apostólico. Creio que nisto podemos ajudar-nos reciprocamente: vós a recordar-nos que há um tempo que se deve *perder* unicamente para Ele, porque Ele tem necessidade de estar conosco e nós com Ele; nós a livrar-vos de um quietismo que pode levar-vos a um fechamento em vossos ritmos cotidianos, em vossos problemas internos. Nós podemos e devemos entregar-vos nossa experiência de Deus, rica

do encontro com a pobreza do homem, vós deveis entregar-nos o rosto de Jesus em cujo mistério viveis cotidianamente imersas, sem distrações, graças a uma vida profundamente contemplativa. Deste modo vós nos ajudareis a tornar mais *divino* nosso trabalho; e nós vos ajudaremos a tornar mais concreta e humana vossa contemplação.

Levando em consideração tudo o que falamos, a clausura é elemento importante da Forma de Vida das Irmãs Pobres que optaram por uma vida inteiramente contemplativa. Uma contemplação como a indicamos só se pode viver num espaço vital de clausura. Somente é possível entregar o eu ao Outro se existir uma harmonia interior reconciliada.

A clausura das Irmãs Pobres não é um fim em si mesmo, mas um instrumento para guardar a vida em Deus. Contemplação e clausura estão profundamente unidas. Neste caso a clausura tem pleno sentido quando é vivida como espaço de relação. A clausura deve ajudar à pessoa, toda inteira – mente, coração e corpo - a guardar uma relação privilegiada, intensa, com a pessoa do Senhor Jesus. Através da clausura a Irmã Pobre torna visível uma nova modalidade de relação aprendida na escola da Trindade.

Com relação à *clausura da mente* a vejo muito próxima da *santa simplicidade*, muito amada por Francisco, que nada mais é do que a pureza de olhar que vai além de qualquer ambiguidade. Esta clausura da mente tem muito a ver com a formação. Neste sentido uma Irmã Clarissa há de ser formada a saber ler os acontecimentos da vida com aquele olhar profético que vai muito além do fato em si, para reconhecer neles a obra de Deus. A clausura do *coração* deve ajudar à Irmã a alargar os espaços do coração, para amar com coração livre; livre porque está

unida estreitamente a Jesus. E através dele a todos os irmãos pelos quais Jesus deu a vida. A clausura do coração há de prestar muita atenção à qualidade de reações. Uma Irmã Clarissa pertence, antes de tudo, a Ele e nEle à Igreja, sobretudo à primeira Igreja que é a comunidade. Isto deverá transparecer em todas as relações de uma Irmã. A *clausura do corpo* faz referência ao aspecto físico da clausura, ao vosso viver “separadas”. Esta clausura comporta renúncia, porém esta será facilmente superada se vossa separação está habitada por Ele e, nEle, também pelos outros. Esta clausura deve levar-vos a alargar a perspectiva de vida, oferecendo uma alternativa ao modo normal de relacionar-se das pessoas.

Deste modo a clausura não é tanto uma separação mas um novo tipo de relação: com Deus e, como consequência, com os outros. De igual maneira e valorizando vossa clausura como uma forma radical de viver *sine proprio* e como algo de *único* dentro do carisma franciscano-clariano, sinto que vós, Irmãs Pobres, estais chamadas a fazer uma parada no caminho e perguntar-vos se a estabilidade, que certamente é um distintivo da vida contemplativa, não se tenha transformado em imobilidade, e se a estabilidade continua ou não assumindo a *teologia da tenda*, de tal modo que estabilidade e clausura possam seguir sendo sinal vivo de esperança entre aqueles que vivem distraídos como se Deus não existisse

Chamada a gastar a própria vida vivendo unicamente para Deus, é necessário que a Irmã Pobre requalifique e dê um novo significado às coordenadas de seu viver na estabilidade e na clausura. Somente assim será um sinal para o mundo dividido e fragmentado de hoje. Igualmente se torna necessário que os mosteiros se transformem em lugares de silêncio habitado, de escuta,

de acolhida para quem se sente perdido,  
para quem sente a necessidade da amizade,  
para quem busca e quer encontrar o Senhor  
e, deste modo, dar um novo sentido à sua  
vida.





Quem é Jesus Cristo para mim? Que lugar Ele ocupa em minha vida e na vida de minha fraternidade?

Como vivo, na vida concreta de cada dia, a dimensão contemplativa?

Existe em minha vida e na vida de minha fraternidade um *projeto ecológico de vida* onde estejam assegurados tempos para mim mesmo, para Deus, para os Irmãos e as Irmãs e para a missão?

No caso das Irmãs, como vivo a clausura, como uma forma alternativa de relação ou como uma ausência e simples separação?

# *A vida fraterna em comunidade ou santa unidade*

**22.** Francisco e Clara vivem o seguimento de Cristo pobre na comunhão de vida fraterna ou *santa unidade*. Desde que o Senhor deu Irmãos a Francisco e *iluminou* o seu coração e deu Irmãs a Clara (cf. TestC 24-25), tanto o Poverello como sua *Plantinha* se compreenderam a si próprios somente em relação com os Irmãos e as Irmãs reciprocamente. A Forma de Vida que ambos nos transmitiram é pensada para ser vivida em fraternidade. Assim o demonstra a quantidade e variedade de termos e expressões que encontramos na Forma de Vida de Francisco e de Clara para indicar a relação fraterna dos Irmãos entre si e das Irmãs entre si<sup>30</sup>.

Considerando este simples dado não há dúvida de que a fraternidade ou *santa unidade* é uma das notas mais características e peculiares da Forma de Vida das Irmãs Pobres e dos Irmãos Menores, um elemento irrenunciável no projeto de vida franciscano-clariano. Para Clara, como para Francisco, a Fraternidade é o lugar onde o Evangelho é vivido na cotidianidade, o lugar privilegiado em que se dá testemunho de Deus que é comunhão na diversidade e é diversidade na comunhão, o “húmus” em que floresce o louvor comum, o gozo contemplativo e a paz, frutos todos eles do Espírito e rasgos

---

30 Cf. G. Boccalli, *Concordantiae verbales opusculorum s. Francisci ET s. Clarae Assisiensium*, Ed. Porciúncula, Assisi 1995; Sebastian Lopes, *El vocabulário de La sororidad em La Forma de Vida de santa Clara de Ais, em Verdad y Vida* 258 (2011) 45-76.

característicos das primeiras fraternidades franciscano-clarianas.

Tanto para Francisco como para Clara, fraternidade fala de *igualdade*. Se todos/as são Irmãos e Irmãs, todos/as são iguais<sup>31</sup>. Fraternidade fala de *reciprocidade*. Se um/a só Irmão/ã não é irmão/ã, então todos devem prestar atenção para “*uns aos outros se estimularem na caridade e nas boas obras*”. (Hb 10,24). Fraternidade fala, enfim, de *familiaridade*. Se todos/as são Irmãos/ãs, todos devem tratar-se familiarmente, pois todos formam parte da mesma família.

### *A vida fraterna dos Irmãos e das Irmãs*

**23.** Chamados a seguir o santo Evangelho e as pegadas de Jesus Cristo, os Irmãos e as Irmãs são constituídos em fraternidade e como fraternidade. Se a vida consagrada é toda ela chamada a ser “*signum fraternitatis*”<sup>32</sup>, a vida fraterna é para os Irmãos e para as Irmãs seu rosto mais atraente, sua vocação e missão, seu modo de viver o Evangelho e de testemunhar a Cristo (cf. Jo 13,35). Além do mais, para nós a vida fraterna é essencial para o crescimento humano e espiritual. Isto vale também para vós, minhas queridas Irmãs, que tendes optado por uma vida completamente contemplativa. O verdadeiro contemplativo escuta a voz de Deus nos outros, vê a face de Deus no rosto dos outros, conhece a vontade de Deus na pessoa do outro, serve ao coração de Deus curando as feridas e respondendo aos apelos do outro. A fraternidade põe à

---

31 O nome Irmão(ã) identifica a todos(as) sem exceção. Identifica a Francisco e a Clara (cf. 2Fi 1,87; Le 1; Ant 1; RB 1,2); identifica a Clara (cf. RSC 1,5; BnC 6); identifica os Ministros (cf. RnB 4,1; 5,7; 18,1; 22,26; RB 8,1; 10,1-2); identifica a Abadessa (cf. RSC 2,10; 4,5.17.20; 10,1).

32 Cf. VC, Cap.II

prova a densidade humana e espiritual das pessoas.

Num mundo marcado pelo individualismo, pela violência e divisão, e onde enfraqueceram os grupos primários, como a família e a própria amizade, a Fraternidade é uma denúncia profética contra tudo isto, e um anúncio, também profético, de que um mundo diferente, baseado no respeito e na acolhida, é possível. Neste sentido se entende como a vida fraterna é evangelizadora por si mesma.

### *Fundamentos da vida fraterna em comunidade*

**24.** Sendo a Fraternidade um dos aspectos que mais abordamos nos últimos decênios, precisamos reconhecer, no entanto, que a vida fraterna em comunidade continua sendo um desafio e um dos elementos mais difíceis de nossa Forma de Vida e, talvez, dos mais frágeis quando a queremos viver em profundidade. Talvez seja porque a fraternidade fala de uma realidade que transcende os vínculos de sangue, de cultura, amizade ou trabalho partilhado. Falar de fraternidade é falar de uma realidade que finca suas raízes mais profundas no próprio Deus... “o Senhor me deu Irmãos” (Test 14), o Senhor me deu Irmãs (cf. TestC 25). A vida fraterna em comunidade tem muito a ver com a fé em um Deus que se faz dom nos irmãos e nas irmãs.

Quando se tem clara consciência de que o irmão ou a irmã é dom de Deus, somente então desaparecem as possíveis diferenças e, longe de serem vistas como ameaça à própria individualidade, são acolhidas como manifestações de um Deus que faz novas todas as coisas e que nisto nunca se repete. Só quando confesso, com coração agradecido,



que o *Senhor me deu irmãos e irmãs*, então os outros deixarão de ser estranhos para mim e poderão ser considerados um “alter ego”; e, então, poderei prestar atenção ao outro (cf. Hb 10,24), dar-me conta de suas necessidades e corresponder a elas com solicitude; sentir-me *custódio* de meus irmãos e minhas irmãs (cf. Gn 4,9), instaurar relações recíprocas caracterizadas por um atento cuidado ao bem do outro: físico, moral e espiritual<sup>33</sup>.

Assim sendo, será possível a correção fraterna, exigência do amor para com o irmão, a irmã que peca (cf. Mt 18,15), feita, não com espírito de condenação ou recriminação, mas com “*espírito de doçura*” (cf. Gl 6,1), *humildade e amor* (cf. RnB 5,5), e movido sempre pela caridade. Longe de se perturbar ou irritar por causa do pecado ou do mal do outro (cf. RnB 5,7-8), oremos por ele “*para que o Senhor ilumine seu coração e faça penitência*”(RSC 9,4). A correção fraterna evangélica e franciscana brota sempre do amor e da misericórdia, de uma verdadeira solicitude pelo bem do outro. Como nos recorda Bento XVI, “*em nosso mundo, impregnado pelo individualismo, é necessário redescobrir a importância da correção fraterna para caminharmos juntos para a santidade (...), para melhorar a própria vida e caminhar mais retamente nos caminhos do Senhor*”<sup>34</sup>. Prestemos atenção, queridos Irmãos e Irmãs, a não sermos vítimas da *anestesia espiritual* que nos leva a não nos interessarmos pelos outros. Isto não aconteça numa Fraternidade de Irmãos ou Irmãs. Escutemos o Apóstolo Paulo que nos convida a buscar o que traz “*a paz e a edificação mútua*” (Rm 14,19), e, já que somos um mesmo corpo e pertencemos uns aos outros, “*os distintos membros tenham cuidado comum uns pelos outros*” (1Cor 12,25).

---

33 Cf. Bento XVI, *Mensagem para a Quaresma*, 2012.

34 Idem.

A comunhão de vida em fraternidade franciscano\clariana, fundada na escuta do Evangelho que se torna vida, encontra na “unidade do amor mútuo” sua primeira e mais eloquente expressão. Esta unidade, vivida na acolhida e valorização da diversidade do outro, insere os Irmãos e as Irmãs num processo dinâmico de conversão, num estado de formação permanente, onde são chamados a sempre de novo estabelecer relações autênticas consigo mesmo, com ou outros, com Deus e com a criação. Deste modo, *“se libertam progressivamente da necessidade de colocar-se no centro de tudo e de possuir ao outro, com medo de dar-se aos irmãos; aprende a amar como Cristo amou, com aquele mesmo amor que agora se derramou em seu coração e o faz capaz de esquecer-se de si mesmo e dar-se ao outro à maneira de Deus.”*<sup>35</sup>

**26.** Perito em viver a restituição do amor que Deus derramou em nossos corações (cf. Rm 5,5) através das palavras, dos sentimentos, comportamentos e opções de cada dia, o Irmão Menor ou a Irmã Pobre não encontrará na Fraternidade um cômodo refúgio, mas um lugar onde se compromete a construir a comunhão, sentindo-se responsável pela fidelidade aos outros e pela fidelidade às opções da própria Fraternidade, favorecendo um clima sereno, de compreensão e de mútua ajuda<sup>36</sup>. A vida fraterna em comunidade é, deste modo, dom e tarefa. Como dom se agradece ao Senhor, do qual procede todo dom; como tarefa se constrói em base a um constante esvaziar-se de si mesmo - viver sem nada de próprio - desde a lógica do dom, sem reserva alguma.

Resguardando-se de *“toda soberba, vanglória, inveja, preocupação e afã deste mundo,*

---

35 VC 22.

36 Cf. Vida fraterna em comunidade = VFC, 57.

*difamação e murmuração, oposição ou divisão*” (RSC 10,6), o Irmão e a Irmã se entregarão cada dia mais à Fraternidade, e, ao mesmo tempo, a sustentarão e a contemplarão no mistério de Deus. Esta contemplação expressa, depois, sua ação de graças por tudo aquilo que recebe continuamente da Fraternidade. Efetivamente, o Irmão Menor e a Irmã Pobre sabem muito bem que uma verdadeira Fraternidade se constrói na contemplação do amor trinitário, no qual se aprende a descobrir a beleza e o positivo dos outros e de si próprio; a orientar as próprias necessidades, sem esquecer as dos outros; a manter-se aberto à relação como Deus faz conosco, mesmo não havendo sido fiel (cf. Tm 2,13).

Sustentada por este amor, só então a vida fraterna em comunidade ou *santa unidade* poderá superar os inevitáveis conflitos e permanecerá íntegra: *“sempre é possível melhorar e caminhar juntos rumo à comunidade que sabe viver o perdão e o amor. As comunidades, portanto, não podem evitar todos os conflitos; a unidade que haverão de construir é aquela que se estabelece com o preço da reconciliação”*<sup>37</sup>. Quando uma Fraternidade de Irmãos Menores ou de Irmãs Pobres empreende este caminho então chega a ser uma verdadeira escola de comunhão<sup>38</sup>.

### ***Construindo fraternidade***

**27.** Visto que a fraternidade é relação de amor e de amor mútuo, amor de ida e volta, para alcançá-la é importante formar e formar-se numa horizontalidade nas relações dentro da Fraternidade, no respeito natural dos serviços. Em particular, quem foi chamado a exercer o ministério da autoridade

---

37 Cf. VFC, 26.

38 Cf. NMI, 43.

é designado a viver particular “obediência” ao seguimento de Cristo, que veio para servir e não para ser servido (cf. Mt 20,28).

Para Clara, como para Francisco, esta forma de exercer a autoridade se expressa assim: sendo artífice de comunhão (cf. RSC 4, 11-12), na admoestação e na correção dos Irmãos, das Irmãs (cf. RnB 5,1ss; RSC 10,1), na custódia do carisma (cf. RSC 6,11), no acompanhamento das Irmãs que lhe foram confiadas (RSC 4,9), promovendo a responsabilidade e a colaboração (cf. RSC 2,1-2; 4,15.19.22-24).

Chamados a servir aos Irmãos e às Irmãs, como Francisco e Clara, os que foram constituídos sobre os demais serão os primeiros em cultivar a vida no Espírito para exercitar o inevitável discernimento sobre os Irmãos e as Irmãs e sobre a Fraternidade (cf. RnB 16,5), deixando-se guiar em tudo pelo “veja o que mais convêm segundo Deus”; serão diligentes e promoverão os dons que cada Irmão ou Irmã recebeu do Senhor; infundirão ânimo e esperança a todos os que vivem momentos difíceis em suas vidas, terão cuidado por manter vivo o carisma e o sentido eclesial da Fraternidade; e, bem conscientes de que da formação permanente depende a fidelidade criativa à nossa vocação e missão, acompanharão o caminho de formação permanente dos Irmãos e das Irmãs<sup>39</sup>.

Os Ministros e as Abadessas deverão ser os primeiros mediadores para construir fraternidade, mas também todos os Irmãos e Irmãs assumirão sua parte nesta tarefa das relações interpessoais.

Comunicar é partilhar com os outros não só o que faço, mas também o que penso e o que sinto. Levar vida fraterna em comu-

---

39 Cf. *O serviço da autoridade e obediência*, 13.

nidade significa dizer, partilhar a própria história, nossa história com suas durezas diárias, suas alegrias e sombras, e aquela na qual o próprio Deus é o protagonista, mesmo que oculto, onde seu amor se mostra e se esconde ao mesmo tempo. Num mundo de comunicações através dos meios técnicos se corre o risco de uma comunicação superficial em nossas Fraternidades. Creio não estar exagerando se manifesto uma convicção pessoal: precisamos crescer muito na comunicação, especialmente na comunicação da história oculta do amor de Deus. Para os que consagramos nossa vida ao Senhor e nos entregamos de todo o coração à Fraternidade, comunicar o que Deus realiza em nós deve ser a linha mestra de nossa vida. Necessitamos crescer muito na comunicação espiritual, sabendo que esta exige um clima de respeito, de acolhida, de aceitação, de liberdade e de amizade espiritual.

Por sua parte, as relações interpessoais haverão de caracterizar-se entre nós por serem familiares. Atenção! Algumas relações parecem meramente virtuais! Os Irmãos e as Irmãs estamos chamados a sermos mestres de relação. Para isto, além de promover uma relação calorosa e autêntica, teremos que enfrentar conflitos a partir de uma atitude adulta. Por outro lado não se pode esquecer que a comunicação e a relação são feitas de palavras, de sinais e de silêncio. Há palavras, sinais e silêncios que freiam a comunicação e as relações, assim como também há palavras, sinais e silêncios que as promovem.

Além da responsabilidade do Ministro e da Abadessa na construção da fraternidade, a Fraternidade e *santa unidade* serão observadas por todos e cada Irmão\Irmã na medida em que estes abandonem a própria vontade para cumprir o projeto de Deus sobre eles e sobre a Fraternidade, na obediên-

cia à vontade do Pai, segundo o exemplo de Cristo (cf. 2Fi 11) “que *aprendeu a obediência pelo sofrimento*”. E tudo isto ainda em situações particularmente difíceis<sup>40</sup>.

Nesta tarefa de construir fraternidade não podemos renunciar a potenciar em todo momento a trama comum da mútua pertença: uns aos outros e todos do Senhor. Esta ideia de mútua pertença aprofundará o sentido da complementariedade: nós necessitamos muito mais uns dos outros do que pensamos. Ninguém está além da textura comum, porque sendo diferentes, formamos um só corpo. Comunicação e relações interpessoais têm muito a ver com este sentido de pertença mútua, segundo a qual se trata de ir incluindo uns aos outros, partilhando o que cada um é desde a comum pertença ao Senhor.

Na fraternidade se entra agradecendo, porque tudo nela é, em primeiro lugar, um presente recebido. Se há algo que destrói nossa Fraternidade é a pretensão de estar acima dos demais, de converter-nos em juizes de nossos Irmãos\ãs. Isto se deve porque projetamos sobre eles nossos sonhos, e exigimos de Deus e dos outros que os cumpram. Ao amar nosso sonho de fraternidade mais que à fraternidade real, nos convertemos em destruidores da fraternidade. Começando a ser acusadores de nossos Irmãos, depois acusamos a Deus e, finalmente, nos convertemos em acusadores desesperados de nós mesmos. Temos que recordar que jamais existe esta fraternidade ideal que pode acolher nossos sonhos de orgulho pretencioso e que a fraternidade se constrói a base do perdão e de reconciliação, pois todos somos limitados e contingentes.

A Fraternidade e *santa unidade* de que es-

---

40 Cf. *Serviço da Autoridade e Obediência*, 10.

tamos falando comporta também abrir-se a relações que vão além da própria Fraternidade. Neste sentido considero que os tempos estão maduros para uma revisão da autonomia das províncias e dos mosteiros, de tal modo que se ponha em evidência, com coragem, o sentido de pertença a uma Fraternidade que vai além dos confins do próprio mosteiro ou da própria entidade. Isto exige renunciar à autossuficiência, sejam quais forem os meios de que uma comunidade possa dispor, e abrir-se à colaboração e interdependência fraternas. A comunhão que abre as portas é o melhor antídoto contra o cansaço e a falta de esperança, que às vezes também está presente entre as Irmãs.

Finalmente, a Fraternidade ou *santa unidade* está longe de ser uniformidade. Tanto as Irmãs como os Irmãos, estamos chamados a assumir a diversidade como uma riqueza. Esta será possível somente a partir da visão de fé que levará a ver quem está a seu lado como dom e presente do Senhor. A comunhão fraterna cria santa unidade na diversidade. É então que a unidade liberta, capacita e respalda.



Que diagnóstico faria você da vida fraterna em sua comunidade?

Quais sintomas positivos e\ou negativos você vê na vida fraterna de sua Fraternidade?

Com quais ferramentas você participa na construção\destruição da Fraternidade à qual pertence?

Que diz da correção fraterna em sua Fraternidade?

Existe um projeto de vida fraterna elaborado pela Fraternidade, que passos dar em sua elaboração?





# *Sem nada de próprio*

**28.** Um dos elementos importantes da Forma de Vida de Francisco e Clara é o *viver sem nada de próprio* (cf. RB 1,1; RSC 1,2). Sua colocação entre a obediência e a castidade nos leva a pensar que o *sine proprio* é a chave para viver ambas. E não só, é também a chave para viver muitos outros aspectos do carisma franciscano-clariano. Neste sentido creio que falar do *sine proprio* é falar de uma das linhas essenciais da espiritualidade franciscana, centrada no seguimento de Cristo Pobre, compreensível somente à luz de um amor que abraça tudo.

## *Francisco e Clara livres de tudo para amar ao que é Tudo*

**29.** Para Francisco e Clara a pobreza tem um rosto e um nome, o rosto e nome de Jesus Cristo, Pobre e Crucificado (cf. 2In 19), e encontra sua máxima expressão no *viver sem nada próprio* (RSC 1,2). “seguir a doutrina e as pegadas de nosso Senhor Jesus Cristo” é, antes de mais nada, abraçar sua pobreza (cf. RnB 1; RB 6): “seguir as pegadas e a pobreza do Senhor” (Le 3). Vender tudo, dá-lo aos pobres, *viver sem nada próprio, faz parte da experiência fundante de Francisco e de Clara. Convertendo-se na nota dominante e distintiva do “fazer penitência”* (RSC 6,1), do “converter-se a Jesus Cristo”<sup>41</sup>.

Clara, como Francisco, referindo-se a quem deseja abraçar sua forma de vida, pede que se lhe anuncie a palavra do Evangelho (cf. Mt 19,21) que “*vá, venda todos os seus bens e se esforce por distribuí-los entre os*

---

41 Muitos dos testemunhos no processo de canonização insistem em dizer que Clara deu tudo aos pobres: Cf. Processo, 222/ 3,31/ 9,2.

pobres" (RSC 2,8; RB 2,5). Esta palavra evangélica é a base de tudo que os dois enamorados de Cristo Pobre e Crucificado consideram a palavra carismática por excelência, o marco referencial de sua experiência evangélica, a opção de fundo que inspira a decisão de viver segundo a perfeição do santo Evangelho (FV 1; cf. RSC 6,3), a palavra que orienta e ilumina os passos sucessivos.

Tanto o Poverello como sua *Plantinha*, optando por *viver sine proprio*, se inspiram no amor a Cristo, o Pobre por excelência (cf. 2Fi 4-5; 2Cel 83-85). Para guardar sua profunda relação com Jesus Cristo supõe *viver sine proprio*. Por outro lado, para ambos, o sentido primeiro e último da pobreza, do *viver sine proprio*, é testemunhar que Deus é a verdadeira riqueza do coração humano (cf. LD 4; TestC 43-44.47)<sup>42</sup>.

Se Francisco permaneceu fiel a tudo o que significava o gesto de desnudar-se diante do pai Pedro Bernardone (1Cel 6,15), Clara foi fiel, até as últimas consequências, à última vontade de Francisco: "*Eu, Irmão Francisco, o menor, quero seguir a vida e a pobreza do altíssimo Senhor nosso Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe, e perseverar nela até o fim. E vos rogo, minhas senhoras, e as aconselho que vivaís sempre nesta santíssima vida e pobreza. E prestai grande atenção para que de nenhum modo, nem por conselho de ninguém, vos separeis dela*" (UV 1-3). Ela mesma o afirma em sua Regra quando escreve: "*E como eu sempre fui solícita com minhas Irmãs na observância da santa pobreza que ao Senhor Deus e ao bem-aventurado Francisco prometemos guardar*" (RSC 6,10). Também o confirma Jacobo de Vitry, quando, em contraste com o que encontrou na Cúria, fala dos Irmãos Menores e das Irmãs Pobres como quem se desprende de qualquer propriedade, por Cristo<sup>43</sup>.

---

42 Cf. VC 90.

43 J. Vitry, em *San Francisco de Asis, Escritos, Bio-*

**30.** Neste contexto de fidelidade a esta vontade há de se colocar a petição do *Privilégio da pobreza* apresentada a Gregório IX e que Clara obtém do Papa no dia 17 de setembro de 1228. O original deste Privilégio se conserva no Protomosteiro de Assis, como testemunho de fidelidade a tudo que Clara prometeu ao Senhor e a Francisco. Mesmo que desconheçamos a forma em que foi apresentada a petição ao Papa, no entanto é significativa a motivação que justifica tal *Privilégio*: “É coisa já manifesta que, desejando dedicar-vos somente ao Senhor, tendes renunciado ao desejo das coisas temporais, pelo que, havendo vendido e distribuído tudo entre os pobres, vos disponhais a não ter absolutamente possessão nenhuma, seguindo em tudo as pegadas daquele que por nós se fez pobre, caminho, verdade e vida” (*Privilégio da Pobreza* 2-3). É Cristo e seu seguimento o primeiro e último motivo da pobreza de Clara. Com razão o Beato João Paulo II a chamou: “a amante apaixonada do Crucificado pobre, com quem quer identificar-se totalmente”<sup>44</sup>. Clara, mulher cristã, como Francisco, não quis possuir nada, ou melhor, optou por *viver sem nada de próprio, para possuir ao que é Tudo. A pobreza em Clara é sobretudo questão de relação.*

Este era seu desejo desde os primeiros anos de sua vida, quando passou da classe nobre à classe social dos “vis” e servos: “*ser virgem e viver em pobreza*”<sup>45</sup>. O despojamento dos bens em obediência ao Evangelho (cf. Lc 18,22; Mt 19,21) e a Francisco “é chave para entrar no caminho evangélico franciscano. Faz parte do processo de iluminação e dos primeiros passos da conversão” de Clara. É algo assim como “o gesto fundacional

---

*grafias, Documentos*, BAC, Madrid 1985, 063-964.

44 João Paulo II, *Mensagem às Clarissas*, em *Selecciones de Franciscanismo* 66 (1993), 325-329.

45 *Processo*, XIX, 2.

para todos os chamados, como o sacramento franciscano<sup>46</sup>.

Em Francisco, e seguramente também em Clara, o viver sem nada de próprio está claramente relacionado com os bens espirituais e materiais. Francisco, iluminado pela fé, descobre Deus como o “*pleno bem, todo o bem, o verdadeiro e sumo bem*” (RnB 23,9). Posto que todos os bens procedem do Senhor, a ele devem ser restituídos: “*E restituamos todos os bens ao Senhor Deus altíssimo e sumo, e reconheçamos que todos são seus, e demos-lhe graças por todos eles, que todos os bens dele procedem*” (RnB 17,17) Pelo que se refere aos bens materiais, para Francisco Deus é o único proprietário e o homem, simples feudatário de Deus, deve depositar nas mãos do Senhor tudo o que possui (Ad 19; LM 7,7). Enquanto o pecado é a apropriação, a restituição é causa de bem-aventurança (cf. Ad 11).

Não se pode entender a vida de Francisco nem a de Clara sem esta opção radical de viver sem *nada de próprio*, como tampouco se pode entender, desde a experiência do Poverello e de sua *Plantinha*, a contemplação do mistério da encarnação sem uma opção radical a favor do desprendimento total. Para Francisco e Clara a fórmula “sem nada de próprio” não era uma mera fórmula de renúncia aos bens materiais, mas expressão de desapropriação total, radical.

### ***Os Irmãos Menores e as Irmãs Pobres chamadas a viver sem nada de próprio***

**31.** Como Francisco e Clara, também os Irmãos Menores e as Irmãs Pobres de hoje

---

46 M. Vitoria Triviño, *Clara de Asís ante El Espejo*. Historia e espiritualidade. Ed. Paulinas, 1991, 69.

são chamados a viver sem nada de próprio. Este há de ser um ponto firme dos Irmãos e das Irmãs, particularmente nestes tempos dominados pelo consumismo. A fidelidade à Regra e à Forma de Vida professada pelos Irmãos e Irmãs passa pela fidelidade à pobreza, ao viver sem nada de próprio. É significativo que Clara defina a Forma de Vida como “a forma de nossa pobreza” (RSC 4,5-6). Tal é a preocupação de Francisco e de Clara pela pobreza que insistem constantemente em não separar-se dela (TestC 35. 44-45.47), pois seria como separar-se de Cristo Pobre e Crucificado.

Irmãos e Irmãs, o que nos diz tudo isto? Quais questionamentos concretos nos propõe esta opção radical de Francisco e de Clara por viver *sem nada de próprio*? Como guardamos este tesouro que forma parte da grande herança de Francisco e Clara?

Uma coisa é óbvia: é vivendo *sem nada de próprio* que nos abrimos, escutamos e acolhemos o Outro e os outros, sem intentos queridos ou velados de manipulação; podemos viver a obediência, especialmente a *obediência caritativa*, e a castidade, enquanto nos permite amar gratuitamente, sem buscar recompensa alguma; podemos realmente viver o Evangelho e ter os mesmos sentimentos de Cristo que, sendo rico, se despojou de tudo e assumiu a humildade de nossa condição.

O voto de viver *sem nada de próprio*, tendo nos feito encontrar o que é “*riqueza à saciedade*” (cf. LD 4), nos permite ser pessoas livres: livres da avidez de acumular, livres da sede insaciável de possuir o mais possível, o melhor e o mais rápido, e, deste modo, nos permite distinguir o útil do necessário e do supérfluo. O voto de *viver sem nada de próprio* nos torna itinerantes, sem apropriar-nos de casa, de trabalho, fazendo-nos viver

desde a lógica do dom e do serviço, como profecia em ação contra a lógica do consumo, do preço, da ganância, do poder. O voto de viver sem *nada de próprio* nos ajuda a criar relações novas e alternativas na sociedade em que nos toca viver e nos transforma em voz profética neste mundo dominado pelo consumismo”<sup>47</sup>.

Por outra parte, a pobreza produz seus frutos quando se transforma em solidariedade, pois só então é a pobreza de Jesus, que se fez pobre para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9). Jesus não repartiu conosco, seus irmãos, o supérfluo e desnecessário: partilhou sua própria vida. Assim as Irmãs Pobres haverão de partilhar não só o supérfluo, mas também o indispensável (cf. LSC 15). Neste contexto é bom recordar o que escreve Clara: *“Verdadeiramente é magnífico e digno de todo louvor este intercâmbio: rechaçar os bens da terra para possuir os do céu, merecer os celestes em lugar dos terrenos, receber o cem por um e possuir a vida dos bem-aventurados, por toda a eternidade”* (1In 30).

**32.** Queridos Irmãos e Irmãs, hoje, mais que nunca, nos são solicitados sinais de esperança, precisamente neste tempo em que a humanidade vive uma profunda crise que atinge todos os aspectos da vida. Neste contexto é urgente que possamos contar, como o fizeram Francisco e Clara, com um estilo de vida sóbrio, essencial, *“a radicalidade da pobreza associada à confiança total na divina Providência”*<sup>48</sup>.

Os pobres nos interpelam pedindo-nos sinais exteriores de uma vida coerentemente simples e uma clara opção pela pobreza radical: vivida de modo evangélico, manifestada com espírito profético, para fazer-lhes

---

47 Cf. PdC 22.

48 Bento XVI, *Audiência geral*, 15/09/2010.

apalpar a proximidade de Deus. Os Irmãos e as Irmãs somos chamados a colocar-nos numa constante situação de precariedade, a libertar-nos de tudo o que não conserva a relação consigo mesmo, com os outros, com Deus, com as coisas e com a criação. Segundo a lógica da restituição, os Irmãos e as Irmãs são convidados a fazer credível a opção pela essencialidade.

**33.** Finalmente, o sentido de justiça também nos interpela. O grito dos pobres não pode deixar indiferentes os Irmãos Menores e as Irmãs Pobres. Nas Constituições OSC está escrito em relação ao testemunho de uma vida pobre: *“Em todo o modo de viver, tanto individual como comunitariamente, as Irmãs dêem testemunho de pobreza e em espírito de solidariedade se conformem com a realidade de vida de grande parte da humanidade que vive no mundo em condições desfavoráveis”*<sup>49</sup>. Por outra parte, nas Constituições dos Irmãos Menores se diz: *“Para seguir mais de perto e testemunhar com maior clareza o aniquilamento do Salvador, os irmãos adotem na sociedade a vida e a condição dos pequenos, morando sempre entre eles como menores; e, nessa condição social, contribuam para o advento do Reino de Deus”* (CCGG 66,1).

O mundo tem necessidade de testemunhas, de pessoas que por graça de Deus se dêem totalmente; necessita de pessoas *“capazes de aceitar o imprevisto da pobreza, de ser atraídas pela simplicidade e pela humildade, amantes da paz, imunes de compromissos, decididos à abnegação total, livres e ao mesmo tempo obedientes, espontâneas e firmes, doces e fortes na certeza da fé”*<sup>50</sup>. Nosso mundo necessita de Irmãos Menores e Irmãs Pobres assim.

---

49 Constituições Gerais OSC 153,3.

50 *Evangelica Testificatio* 31



Como vivo eu e como vive  
minha Fraternidade o *sine  
proprio*?

É compreensível para os  
que nos rodeiam nossa  
opção pela pobreza ou  
necessita de muitas ex-  
plicações?

Se o *sine proprio* é ma-  
nancial da verdadeira li-  
berdade evangélica, sou  
eu realmente livre?

O que me falta ou o que  
me sobra para sê-lo?





# Missão

## *Alguns esclarecimentos*

**34.** Queridas Irmãs e Irmãos, outro elemento essencial de nossa Forma de Vida é a missão; Aqui se fazem necessários alguns esclarecimentos. O primeiro é este: quando falamos de missão estamos falando de algo mais que de algumas atividades pastorais.

A missão ultrapassa as obras apostólicas concretas, pois articula diferentes dimensões de nossa vida: toda ela é chamada a ser anúncio da novidade do Reino de Deus. Por isso, bem podemos dizer que a missão está no próprio coração da vida consagrada<sup>51</sup>, também da Forma de Vida franciscano-clariana. Nosso carisma, como todo o carisma, é um dom do Espírito para o bem de toda a Igreja, para que possa crescer em seu caminho de fé, construir verdadeira fraternidade e desenvolver a missão de testemunhar y de anunciar o Reino.

Outro esclarecimento que me parece fundamental: vocação e missão vão sempre de mãos dadas. Uma não se pode separar da outra. Por tal motivo, a missão é um dos elementos imprescindíveis de toda a vida consagrada, também da vida das Irmãs Pobres. A missão é a chave para entender a Igreja, assim como a vida consagrada, incluindo a contemplativa<sup>52</sup>.

---

51 “a missão é o modo de ser da Igreja e, nela, a Vida Consagrada é parte e sua identidade” Bento XVI, Audiência aos Superiores Gerais, 26 de novembro de 2010.

52 Neste caso podemos falar de uma missão de testemunho que se manifesta na oração, transmitir a fé no Absoluto, mostrar a abertura à transcendência, tornar visível a vida evangélica, o silêncio contemplativo, a vida fraterna, a pobreza... Com tudo isto a vida contemplativa é “sustentáculo dos

A vida consagrada, a vida franciscano-clariana, não pode voltar-se sobre si mesma, sobre seus problemas internos e externos. A vida consagrada, nossa vida, não pode deixar-se paralisar por esses problemas. Nossos contemporâneos querem ver a Jesus (cf. Jo 12,21). Como franciscanos e clarissas não podemos não escutar este clamor.

Um terceiro esclarecimento é que a missão da vida consagrada e de nossa vida franciscano-clariana é a missão da Igreja. Isto faz com que, ainda que ela seja nossa, supera, no entanto, os limites de nossas Ordens. Esta missão, no entanto, afunda suas raízes no Deus-Trindade, que em seu desígnio de amor quis associar-nos à sua própria missão. Deste modo, a missão surge da experiência de um Deus que é comunhão e comunicação, que é amor e que nos enche desse amor, que em nós transborda e quer comunicar-se. Deste modo, a “*missio Ecclesiae*” é participação da “*missio Dei*”.

### ***Nossa missão***

**35.** Aqui nos perguntamos: em que consiste nossa missão? Na teologia atual da vida consagrada uma convicção parece clara: a missão da vida religiosa e consagrada é simplesmente ser vida religiosa e consagrada. Esta convicção vai na mesma linha de Vita Consecrata quando afirma: “*a própria vida consagrada, sob a ação do Espírito Santo, que é a fonte de toda vocação e carisma, se torna missão, como o foi a vida inteira de Jesus*”<sup>53</sup>. Aqui está a chave para entender adequadamente a missão não só das Irmãs Pobres, enquanto contemplativas na Igreja e no mundo, mas também dos Irmãos Menores. Nada se pode antepor ao testemunho de vida. Ele é a ver-

---

membros fracos da Igreja, como diria Santa Clara (3In 8).

53 VC 72.

dadeira missão e sem ele pode haver doutrinação ou adestramento, mas nunca haverá missão.

Não se pode entender a missão só em função do fazer, como já dissemos anteriormente. A vida consagrada em geral e a vida franciscano-clariana em particular se caracterizam por seu ser, por sua natureza carismática, antes de tudo<sup>54</sup>. Isto faz com que nossa primeira contribuição à “*missio Ecclesiae*” e à “*missio Dei*” é a de aprofundar a dimensão teologal de nossa vida, ou, se preferir, o centrar-nos em Deus e em seu projeto. Só então se poderá recriar a relevância das próprias obras apostólicas.

Será a experiência de Deus que nos aproxima ao mais profundo da pessoa, nos obriga a escutar seus gritos, particularmente dos pobres, e sentir-nos solidários em suas buscas, valorizando a riqueza das respostas que as pessoas vão encontrando no caminho. Uma experiência de Deus - também a experiência de Deus na vida contemplativa como a vossa, minhas queridas Irmãs Pobres - que se dá sempre num contexto concreto e que, precisamente por isso, deve sentir-se acolhida pelas perguntas e questionamentos que surgem dele. Neste sentido, essa experiência de Deus nos solidariza com as dúvidas e buscas dos outros e nos faz verdadeiros *mendicantes de sentido*.

Isto nos leva a afirmar outra contribuição importante à nossa “*missio Ecclesiae*”, à “*missio Dei*”, e que é consequência do que acabamos de dizer: assumir o diálogo, não

---

54 Um grande erro da vida religiosa tem sido confundir o carisma com as obras apostólicas. Neste sentido, a vida religiosa deve tomar distância de tanto ativismo, de tanto funcionalismo, de tantos compromissos pastorais, para reencontrar-se com suas entranhas carismáticas. Tem que voltar à sua essência, à sua origem.

só como *método* para o desenvolvimento da missão, mas como lugar próprio da missão. Isto supõe, acima de tudo, tornar nossas as preocupações do povo, submergir-nos nas perguntas que enchem a vida das pessoas e buscar juntos as respostas que podem dar sentido a este momento da história. Nós, os Irmãos Menores, o fazemos quando levamos no coração, nas ações e nas palavras a mensagem de Jesus. Vós, minhas queridas e amadas Irmãs Pobres, o fazeis, especialmente, apresentando ao Senhor estas preocupações através da oração de intercessão, assim como pela escuta e sintonia com as pessoas de nosso tempo.

Deste modo, centrados/as no Senhor, concentrados/as nas prioridades de nossa vida franciscano-clariana, nos descentramos de nós mesmos/as para poder dirigir nossa atenção à vida e realidade do mundo, voltando assim a centrar-nos muito mais “nas coisas do Pai” (Lc 2,49) e propiciando uma fidelidade criativa e uma nova linguagem que nos permite transmitir a riqueza incomensurável e permanente da mensagem evangélica.

### *O específico da missão clariana*

**36.** Levando em conta a Forma de Vida que abraçastes, minhas queridas Irmãs Pobres, vossa missão consiste em recordar ao homem de hoje que uma só coisa é necessária, Deus; em ser indicadoras de transcendência; em viver adequadamente os elementos que configuram vossa vocação. Se a missão da vida consagrada consiste fundamentalmente em “reproduzir, com energia e audácia, a criatividade e a santidade” de nossos Fundadores “como resposta aos sinais dos tempos que surgem no mundo de hoje”<sup>55</sup>, e

---

55 VC 37.

em restituir o dom do Evangelho a nossos contemporâneos<sup>56</sup>, então uma vida evangélica, como a vossa, é missão em si mesma.

Tal vida será a que permitirá a uma Irmã Pobre viver, mesmo dentro da clausura, em *simpatia* com o mundo, no sentido que indica a terminologia do termo; a que possibilitará entrar em diálogo com os homens e as mulheres de hoje para evangelizar, sem que isto signifique acomodar-se ao mundo, nem suspender o senso crítico sobre ele. A *simpatia* da qual estamos falando levará uma filha de Santa Clara a ter um olhar positivo sobre o contexto e a cultura em que está inserida, descobrindo em sua realidade as oportunidades inéditas de graça que o Senhor lhe oferece para a missão. Deste modo, a missão será um caminho de ida e volta que comporta em dar e receber, em atitude de diálogo fecundo e construtivo.

Isto não quer significar que a missão de uma Irmã Clarissa esteja desencarnada de nosso mundo e que não tenha em conta a situação da sociedade. Clara, mesmo permanecendo na estabilidade e clausura, não é indiferente aos problemas, às ânsias e preocupações de seus contemporâneos, da Igreja e da cidade de Assis (cf. Proc 6). Clara não é mera espectadora da história, mas participa ativamente nela através da oração e da intercessão. Também hoje as Irmãs Pobres sois

---

56 Na missão evangelizadora, é disto que se trata: restituir o dom que recebemos, o Evangelho, que em sua essência mais profunda, é um dom destinado a ser partilhado. A missão brota das próprias entranhas do Evangelho. Uma vida tocada pelo dinamismo do Evangelho se converte em paixão pelo Reino, mesmo que seja dentro do claustro. Um coração transformado pela força do Evangelho faz com que a pessoa se transforme, necessariamente, em missionária, mesmo vivendo na clausura.

chamadas a colocar-vos em atitude de escuta dos dramas de nosso tempo, acolhendo no próprio coração as perguntas profundas dos homens e das mulheres de hoje para confiá-las a Deus.

### ***Missão partilhada: relação OFM e OSC e vice-versa***

**37.** Hoje, quando se fala de missão, se fala sempre da necessidade de uma missão partilhada. E é aqui que temos de aprofundar, Irmãs e Irmãos, o tema das relações entre os Irmãos OFM e as Irmãs OSC.

Não sendo este o objeto específico de minha conversa convosco, quero, porém, lançar algumas perguntas que nos deixem em atitude de *busca gratuita e livre* e que nos induzam á reflexão. Faço-o a partir do texto de Bento XVI, já citado anteriormente, para logo citar outros textos. Diz o papa: *“Naquela igreja (S. Damião), que Francisco restaurou depois de sua conversão, Clara e suas primeiras companheiras estabeleceram sua comunidade vivendo da oração e de pequenos trabalhos. Chamavam-se ‘Irmãs Pobres’ e sua ‘Forma de vida’ era a mesma dos Irmãos Menores: Observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo<sup>57</sup>, conservando a união da caridade recíproca (RSC 101,7) e observando em particular a pobreza e a humildade vivida por Jesus e sua Santíssima Mãe (RSC 12,13)’”<sup>58</sup>. Que significado encerram para as Irmãs Pobres e para os Irmãos Menores, na vida concreta, estas palavras do papa? Que consequências decorrem do que escreve Celano: “um só e mesmo Espírito fez sair do mundo os irmãos e as irmãs?” (2Cel 204) O que significa para as Irmãs Pobres aquilo que Clara escreve na Regra: “Na eleição de Abadessa, as irmãs sejam obrigadas a observar*

---

57 RSC 1,2.

58 Bento XVI, Audiência Geral, 10 de agosto de 2011.

*a forma canônica. Procurem elas mesmas, com antecedência, ter o ministro geral ou provincial da Ordem dos Frades Menores, que as preparem pela palavra de Deus para toda concórdia e utilidade comum na eleição a fazer” (RSC 4,3)?* Que significa e como viver hoje a obediência que Clara e suas Irmãs, livremente, prometeram a Francisco e a seus sucessores? (cf. RSC 4-5; TestC 25) Que significa e como viver concretamente hoje, tanto por parte das Irmãs como dos Irmãos, o que Clara pede em seu Testamento (TestC 50-51) ? Que consequências práticas tem para as relações entre a OSC e a OFM a recomendação de Clara a Inês de antepor o conselho do Ministro geral ao de todos os demais? (cf. 2In 15ss.) E, para os Irmãos Menores, como sermos fiéis à promessa que Francisco fez a Clara de dispensar às Irmãs, por si mesmo ou por meio de seus Irmãos, um amoroso cuidado e uma especial solicitude? (cf. RSC 6,4).

**38.** Deixando estas e outras perguntas abertas a uma resposta que seja fruto de profunda reflexão e, no que for possível, seja fruto de consenso, do que estou convencido é que este é um tema sobre o qual, sem medos por vossa parte, minhas queridas Irmãs Clarissas, e sem protagonismo fora de lugar por parte de nós Frades, se deverá aprofundar, distinguindo o elemento carismático da dimensão jurídica, porém, dando passos concretos que manifestem a complementariedade e a reciprocidade entre Irmãs Pobres e os Irmãos Menores e a pertença à mesma Fraternidade<sup>59</sup>; passos concretos que nos levem a viver uma maior comunhão, no respeito às justas e sãs diferenças que existem entre uma vida inteiramente contemplativa e uma vida que, sem deixar de ser contemplativa, é também apostólica.

---

59 Cf. Chiara Frugoni, *Storia de Chiara e Francesco*, Einaudi, Torino 2011, 86 ss.

**39.** Os textos de Clara, não somente os citados mas também muitos outros, como os do Testamento que constantemente se referem ao *bem-aventurado pai Francisco* (TestC 5.7 -14.17-18,24-40,42.4651.57.75.77), nos permitem afirmar tranquilamente que o Poverello foi muito importante para sua “Plantinha”, e central em sua experiência espiritual. Os textos de Francisco não são tão explícitos, porém, não se pode negar a importância que para ele tinha a Fraternidade de São Damião, como o demonstram vários de seus Escritos: a Forma de Vida que para elas escreveu (cf. *FV*), as normas sobre o jejum das Irmãs (cf. *NACI*), a exortação cantada a Clara e suas Irmãs (cf. *PE*), e, sobretudo, a promessa que fez de cuidar das Irmãs como dos Irmãos (cf. *RSC* 6,3-5). É importante um detalhe: com frequência Clara une o nome de Deus ao de Francisco, como para nos dizer que ela reconhece a presença de Deus em tudo o que Francisco lhe vai revelando.

Em todo o caso, trata-se de uma relação alargada aos Irmãos e às Irmãs que deve ser vista dentro da dimensão fraterna que anima e expressa a espiritualidade de Francisco e de Clara, e que pode iluminar não só a relação de Francisco e Clara, como também a relação dos Irmãos e das Irmãs e vice-versa. A relação de Francisco e de Clara e, conseqüentemente dos Irmãos e das Irmãs, é sempre uma relação a três: ele\eles-ela\elas e sempre o Senhor. Clara e Francisco acolhem na relação profundamente humana a singular presença de Deus. Sua relação recíproca, cheia de afeto fraterno, faz sempre referência a Deus, descoberto entre ambos, ainda que de maneira diversa, na própria relação<sup>60</sup>. Creio que se pode afirmar, sem medo algum, que a relação Francisco-Clara,

---

60 Cesare Vaiani, *Francesco e Chiara d'Assisi*. Milano 2004, 123.



fraterna e amigável ao mesmo tempo, é *lugar* de relação de ambos com Deus.

Desde a relação de Francisco e Clara é fácil compreender quando se afirma que a vida consagrada é questão de enfoque. Em Francisco e Clara, de fato, temos um claro exemplo de uma experiência autenticamente humana vivida a partir do olhar da fé que torna esta experiência surpreendentemente fecunda e que faz nascer na própria relação, e sempre na fé, a magnífica e belíssima percepção de uma presença maior, a do Senhor, que leva ambos a seguir as pegadas do Filho e que orienta qualquer mirada ao *Pai das misericórdias*. Quando dois seres humanos, neste caso um homem e uma mulher, se sentem amados pelo Senhor e descobrem seu amor nEle, nada pode denegrir sua relação. Tudo remete e fala do Senhor que os criou à sua *imagem e semelhança* (cf. Gn 1,27) “*E Deus viu tudo o que havia feito, e era muito bom*” (Gn 1,31).

A corroborar quanto estamos dizendo, podemos recordar que Francisco lê a relação com as Irmãs em chave trinitária: elas são filhas do Pai, irmãs no Filho, esposas no Espírito. Deste modo - e isto me parece simplesmente maravilhoso - a relação Francisco e Clara, Irmãos e Irmãs entra de cheio na revelação cristã de Deus. Isto nos leva a sublinhar outra chave de leitura das relações entre Clara e Francisco e das Irmãs com os Irmãos: a chave mariana. Maria é para o cantor da Virgem feito Igreja filha do Pai, mãe do Filho, esposa do Espírito Santo. (cf. OP, Antífona Virgem Maria, SM 1 ss)

**40.** Irmãs e Irmãos, caminhemos de mãos dadas, Irmãos e Irmãs, profundamente unidos no Senhor, pois somente assim poderemos restaurar a casa do Senhor, a Igreja: as Irmãs com uma vida inteiramente contem-

plativa, os Irmãos sendo missionários no claustro do mundo com o coração constantemente voltado para o Senhor; e ambos a viver em fraternidade e minoridade. Não seria isto que a Igreja e o mundo esperam de nós?





Como vivo eu a relação vocação-missão?

Que entendes como missão?

Em que lugar colocas as obras apostólicas e em que lugar colocas o testemunho?

Como vives tu a missão partilhada OFM-OSC?

O que lhe falta para que esta relação seja " *signum fraternitatis*" e o que sobra?



# EM CAMINHO

**41.** Queridas Irmãs, queridos Irmãos, antes de concluir esta conversa fraterna com cada um e cada uma de vós, quisera que lêssemos juntos alguns textos que podem ajudar-nos a viver franciscanamente estes nossos tempos de hoje. O primeiro texto é uma “parábola em ação” do profeta Jeremias: *“Palavra que veio a Jeremias da parte do Senhor: Desce logo à oficina do Oleiro. Lá te farei ouvir minhas palavras”. Desci à oficina do oleiro; ele estava trabalhando ao torno. Quando o objeto que o oleiro modelava com argila não saía bem, por causa de um gesto malsucedido, ele fazia outro, seguindo a técnica de um bom oleiro. Então a palavra do Senhor veio a mim: Acaso não posso agir convosco, gente de Israel, como age este oleiro, oráculo do Senhor? Vós estais em minhas mãos, gente de Israel, como a argila nas mãos do oleiro (cf. Jr 18,1-6).*

O texto do profeta descreve a amorosa relação de Deus com seu povo, através do paciente processo de criação e de re-criação do povo eleito que o Oleiro divino leva a cabo. O oleiro, utilizando a mesma matéria, logra plasmar um vaso conforme seus desígnios, sem desanimar diante de possíveis fracassos. Como o vaso, a vida consagrada, nossa vida franciscano-clariana, deve deixar-se recriar para melhor responder ao projeto de Deus sobre ela. Neste momento o que urge e se pede insistentemente é que nos deixemos refazer constantemente, pois somente assim

poderemos responder ao projeto que Deus colocou à nossa frente.

**42.** Um segundo texto é de Eduardo Galeano. A meu modo de ver este texto exemplifica muito bem o processo de transformação que a vida religiosa está vivendo, como igualmente a vida franciscano-clariana<sup>61</sup>: *“nas praias de outro mar, outro oleiro se retira em seus anos já avançados. Os olhos se obscurecem, as mãos tremem, chegou a hora do adeus. Então acontece a cerimônia da iniciação; o oleiro velho oferece ao oleiro jovem sua peça melhor. O oleiro jovem não guarda este vaso perfeito para contemplá-lo e admirá-lo, mas o joga no chão, rompendo-o em mil pedaços, recolhe os pedacinhos e os incorpora à sua argila”*.

Nestes momentos de profunda transformação e re-fundação, creio não exagerar se afirmo que muitas vezes este belo vaso que herdamos (os modos concretos de viver o carisma franciscano-clareano) terá que ser quebrado, não porque tenha saído mal, mas porque as circunstâncias mudaram tanto que os odres atuais já não podem conter o bom vinho do nosso carisma. Somente assim poderemos viver uma nova etapa nesta maravilhosa aventura em que Deus nos quer protagonistas. Não tem muito a ver esta atitude com a itinerância franciscana, válida também para vós, minhas queridas Irmãs Pobres de Santa Clara? Não tem isto muito a ver com o viver sem nada de próprio que prometemos no dia de nossa profissão?

Somos chamados a viver este momento que nos tocou viver como um momento maravilhoso e surpreendente, não necessariamente fácil, em que devemos abrir-nos

---

61 O texto é citado por Álvaro Rodríguez Echeverría, *Profecia de la existencia y presencia amorosa de Dios en la vida consagrada*, União de Superiores Gerais, Maio 2011, 79.

ao Espírito que, como o vento “*sopra e não sabemos de onde vem e nem para onde vai*” (Jo 3,8). Não podemos apegar-nos ao passado, por mais bonito que tenha sido o vaso. Nem podemos assumir acriticamente tudo o que nos vem da cultura atual, pois nem tudo é compatível com a nossa Forma de Vida. Trata-se de abrir-nos ao futuro com esperança a partir de uma re-visitação de nossa identidade de tal modo que, sem renunciar ao que é inegociável, possamos responder com criatividade à realidade mutante de hoje.

Inegociáveis são os valores evangélicos que deram origem ao carisma franciscano-clariano e que constituem os fundamentos de nossa identidade. A criatividade que se nos pede é também evangélica, pois nos ajudará a responder à vontade salvífica do Deus de Jesus Cristo, que deseja que “*todos tenham vida e a tenham em abundância*” (Jo 10 10). O que nos é pedido nestes momentos, minhas queridas Irmãs e Irmãos, é continuidade com os valores constitutivos de nossa Forma de Vida, e descontinuidade, tendo presente o contexto histórico que hoje vivemos. Deste modo evitaremos cair num essencialismo a-histórico ou num existencialismo sem raízes. Trata-se de viver uma identidade em caminho.

**43.** O terceiro texto é do profeta Ezequiel, também já muito conhecido. Diz assim: “*Ele me disse: Filho do homem, estas ossadas são toda a casa de Israel. Eles dizem: Nossos ossos estão ressequidos, nossa esperança desapareceu, estamos esfacelados. Por isso, pronuncia o oráculo e dize-lhes: Assim fala o Senhor Deus, Eu vou abrir vossos túmulos; far-vos-ei sair de vossos sepulcros, ó meu povo, reconduzir-vos-ei ao solo de Israel. Conhecereis que eu sou o Senhor, quando abrir vossos túmulos e vos fizer subir de vossos túmulos, ó meu povo. Porei meu sopro em vós para que vivais; vos estaberecerei em vosso solo; então conhecereis que sou eu o Senhor, que falo e cumpro – oráculo do Senhor (Ez 37, 12-14).*”

Vivendo com lucidez nossa própria fragilidade, reposicionando nosso projeto de vida a partir dos fundamentos de argila e pobreza global e partindo de uma situação inicial de carência, de uma situação marcada pelo não-saber e do não-poder, temos que deixar-nos modelar pelo Senhor, que com paciência artesanal, nos irá transformando à *Sua imagem e semelhança* e nos infundirá seu alento de vida. Ele renovará nossas forças (cf. Is 40,30-31).

**44.** Nosso Deus é o Deus da vida e da vida em plenitude, que transforma a morte em vida e vida abundante. A este Deus, em que creio e cremos, confio nosso presente e nosso futuro. Um presente e um futuro que, para que seja significativo, há de promover uma vida franciscano-clariana:

- Disposta a nascer de novo (cf. Jo 3,3), em atitude constante de conversão, desde a lógica do essencial.
- Frequentadora e criadora de oásis espirituais, de espaços sagrados do infinito.
- Capaz de transmitir a beleza de seguir a Jesus Cristo, desde um sentido de pertença incondicional a Ele.
- Significativa pela qualidade evangélica de vida e missão, memória visível do modo de existir e agir de Jesus.
- Que retoma o Evangelho como sua vida e regra e busca nele seu frescor e sua novidade mais profunda.
- Que, desde uma profunda espiritualidade de comunhão, cria pontes de encontro com o outro e com o diferente, sendo artífices de diálogo a partir de uma opção e de um estilo de vida.
- Que se deixa seduzir pelos *claustros desumanos* e se põe ao lado da fragilidade e da vulnerabilidade como essência de sua identidade e consequência de sua fé na encarnação do Verbo.
- Que a partir da fidelidade e identidade mais profunda e sua rica história se abra

com esperança ao futuro, impulsionada pelo Espírito, fazendo-se presente neste momento atual, vivendo-o com paixão e em atitude de “adventus”, experimentando, desse modo, a presença e chegada do Senhor.

- Que se empenhe pela transparência e credibilidade, e que para melhor compreender as exigências de sua vocação e missão, permaneça em constante busca de poços e caminhos, e em discernimento permanente, adotando atitudes de sincera humildade, de escuta, docilidade, pobreza e urgência de reacender o coração e difundir a caridade de Cristo.
- Que, em profunda comunhão com o Senhor e com os homens e mulheres de nosso tempo, assuma como próprio de sua missão o deixar-se arder para irradiar luz, paixão de santidade e de humanidade.
- Que seja mais franciscana e mais clariana, mais evangélica, mais pobre, mais fraterna, mais missionária.

Maria, a Virgem feita Igreja, nos acompanhe, como Mãe e Mestra, neste caminho fascinante e, ao mesmo tempo, nem sempre fácil. Acompanhe-nos, também, a bênção dos seráficos Pais, Francisco e Clara.

Fraternalmente, vosso irmão, Ministro e servo.

Roma, 15 de julho de 2012,  
Festa de São Boaventura,  
Doutor da Igreja;

*Fr. José Rodríguez Carballo, ofm*  
*Ministro Geral, OFM*







# ABREVIACÕES

*Escritos de São Francisco e  
de Santa Clara de Assis*

<i>Ad</i>	Admoestações.
<i>LD</i>	Louvores ao Deus Altíssimo.
<i>PE</i>	“Audite, Poverelle”
<i>Cnt</i>	Cântico das criaturas.
<i>Ant</i>	Carta a Antônio.
<i>Le</i>	Carta a Leão.
<i>Mn</i>	Carta a um Ministro.
<i>Ord</i>	Carta a toda a Ordem.
<i>1Fi</i>	Primeira Carta aos Fiéis.
<i>2Fi</i>	Segunda Carta aos Fiéis.
<i>Fior</i>	I Fioretti.
<i>OC</i>	Oração diante do Crucifixo.
<i>OP</i>	Ofício da Paixão.
<i>RnB</i>	Regra não Bulada.
<i>RB</i>	Regra Bulada.
<i>SM</i>	Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria.
<i>Test</i>	Testamento.
<i>UV</i>	Última Vontade
<i>BenC</i>	Bênção de Santa Clara
<i>RSC</i>	Regra de Santa Clara.
<i>3In</i>	Terceira carta de Santa Clara a Inês de Praga.
<i>4In</i>	Quarta carta de Santa Clara a Inês de Praga.
<i>5In</i>	Quinta carta de Santa Clara a Inês de Praga.
<i>LSC</i>	Legenda de Santa Clara.
<i>LM</i>	Legenda Maior de São Boaventura.
<i>LP</i>	Legenda Perusina
<i>TestC</i>	Testamento de Clara.

*Outras abreviações:*

- CCGG    Constituições Gerais da Ordem dos Frades Menores, Roma, 2010.
- CCGG OSC    Constituições Gerais da Ordem de Santa Clara, Roma, 1988.
- PdC    Instrução da Congregação para a Vida Consagrada, *Partir de Cristo* (19 de maio de 2002).
- ET    Paulo VI, *Evangelica Testificatio*, Exortação Apostólica sobre a renovação da Vida Religiosa segundo os ensinamentos do Concílio (29 de junho de 1971).
- DV    Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a divina revelação (18 de novembro de 1965).
- NMI    João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte*, Carta apostólica na conclusão do jubileu de 2000, (6 de janeiro de 2001).
- Pf    Bento XVI, *Porta Fidei*, Carta Apostólica em forma de Motu Proprio (11 de outubro de 2011).
- SAO    Instrução da Congregação para a Vida Consagrada, *O serviço da autoridade e da obediência* (11 de maio de 2008).
- VC    João Paulo II, *Vita consecrata*, Exortação apostólica pós-sinodal sobre a vida consagrada e sua missão na Igreja e no mundo (25 de março de 1996).
- VFC    Documento da Congregação para a Vida Consagrada, *Vida fraterna em comunidade* (2 de fevereiro de 1994).
- VD    Bento XVI, *Verbum Domini*, Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja (30 de setembro de 2010).



# ÍNDICE

CUMPRIMENTOS .....	3
I. PARA INICIAR .....	5
II. NA HISTÓRIA DOS HOMENS E DAS MULHERES DE HOJE.....	11
III. CULTIVAR AS RAÍZES .....	17
IV. ELEMENTOS ESSENCIAIS DE NOSSA FORMA DE VIDA.....	23
Viver o Evangelho .....	24
“Meu Deus e meu tudo”! .....	28
A vida fraterna em comunidade ou santa unidade .....	45
Sem nada de próprio .....	56
Missão .....	64
EM CAMINHO .....	75
ABREVIACÕES.....	81



